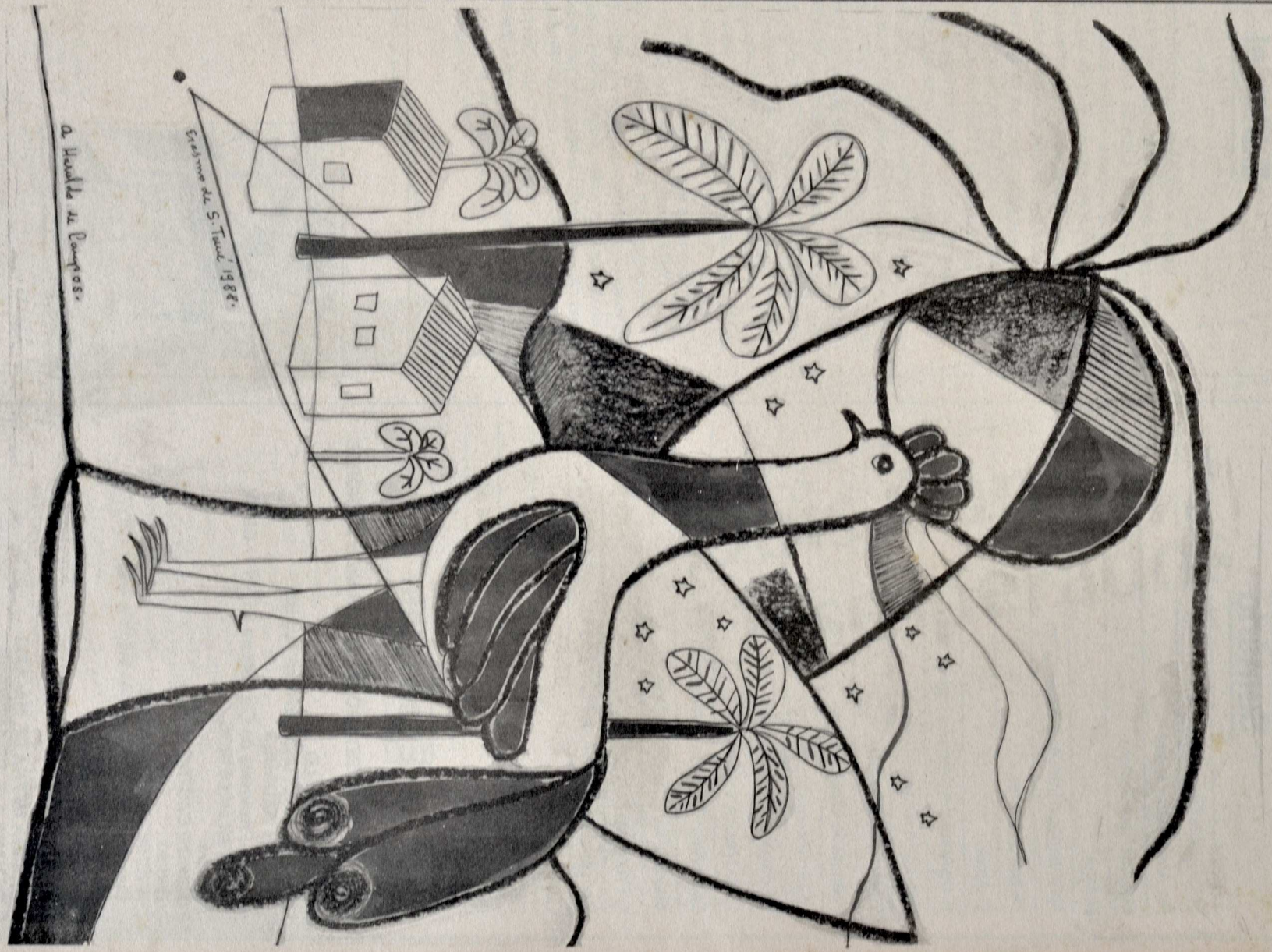
Ano II — Nº 15
Natal, maio/1989

# O GALO

Jornal Cultural
Fundação José Augusto
Cia Editora do Rio Grande do Norte



# Sumário


| | |
|---|---|
| Dois Cantos Desesperados | 03 |
| Por Amor a Chet Baker | 04 |
| Poemas para Jomard | 05 |
| Helena | 06 |
| Aprendendo a transar o desencontro | 07 |
| "Antes de Morrer..." | 08 |
| O Amor | 09 |
| A. de Araújo: A pesquisa Intersígnica | 10 e 11 |
| Um pouco do que somos | 12 e 13 |
| Perfil da Música (III) | 14 |
| Poemas de Gizelda Braz | 15 |
| Ensaio Fotográfico de Chico Canhão | 16 e 17 |
| A Conspiração do Real | 18 e 19 |
| 13 de Maio. Até quando? | 20 |
| Costa Rica: Centro Internacional do Ecoturismo | 21 |
| Shade of blue/Três | 22 |
| O Precipício Principal | 23 |
| Conversando sobre Arte-Educação | 24, 25, 26 e 27 |
| Livros e Autores | 28 |
| Cartas dos Leitores | 29 |
| O Galo Conta | 30 e 31 |


# Expediente


**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**
Governador
**GERALDO MELO**
Presidente da Fundação José Augusto
**WODEN MADRUGA**
Diretor-Presidente da Cia. Editora do RN — CERN
**WALTER MEDEIROS**
Editora
**MARIZE CASTRO**
Redator
**ANCHIETA FERNANDES**
Diagramação, Programação Visual e Arte Final
**GILBERTO ALVES**
**EMANOEL AMARAL**
**ERI FURTADO**
Revisão
**BRÍGIDA MAFRA DE MACÊDO**
**SILVANA A. F. DE ANDRADE**
Montagem
**SOCORRO SOARES**
**MARCOS DE LIMA**


# Editorial

Voltar a caminhos já percorridos, se neles encontramos marcas comuns. Nossa identidade. O ígneo destes signos que são matrizes. Queremos caçar orquídeas. Mergulhar na fala, mesmo a que abala. No traço, no foco, para sairmos à tona umedecidos de luz e sombra. De claro e de escuro. Sermos poetas nos jardins dos nossos profetas. Termos essa doença que não tem cura e de que, afinal, não queremos ser curados. A de cultivar a flor da busca por informação, pelo sorriso lúdico da Arte. Lugar de iluminação destilando a Essência com a Ciência de se ser consciente. E juntos potiguarmente atravessarmos o Mar Vermelho cantando madrugadas que Moisés ainda não sonhara. Como pensamos desde o nº 1 deste jornal, deixando a ave vibrar de energia para captar outras energias. Criar. Pensar. Ver. Viver. Reviver. Escreviver. Deixar fluir essa cena que vem de dentro da gente, como brilho e cor que recicla nossas dimensões. Teremos sempre esse mel. Essa vida. Esse humor. Essa felicidade solta. Essas idéias. Essa poesia. Essa música. Essa visão muito maior que a visão distorcida e atrofiada de ditadores que maquinam assassinatos, marmeladas, baixezas, baixarias. As Idéias! A Beleza! O Criar! O Pensar! O Descobrir! sempre vencerão a grossura, a ignorância, a neurose maníaca. Letras. Páginas. Papel. Diagramação. Montagens. Remontagens. Revisão. Composição. A imprensa. O rio de águas vivas que Gutemberg deixou jorrando desde as fontes chinesas, para ir ecoar nas cachoeiras cantantes da imaginação. Nomes e numes dançando pelas cabeças que fazem a cidade e o campo. Situações. Cifras. Linhas. Vírgulas. Pontos. Arquitetura do tempo. Pretexto. Contexto. Texto. Necessidade de que os jornais culturais aqui ou em outros terreiros continuem cantando de Galo.

Capa: **Erasmo Andrade**, artista plástico norte-rio-grandense, natural de São Tomé.

Redação: Rua Jundiaí, 641 – Tirol – Natal – Rio Grande do Norte – CEP 59020 – Tel.: (084) 221.2936. A editoria de O GALO não se responsabiliza pelos artigos assinados. Elas não refletem necessariamente a opinião deste jornal.

# Dois Cantos Desesperados

*Hildeberto Barbosa Filho*

## Canto I

*Nada sei dos homens nem dos deuses,*
*seus truques, sonhos, armadilhas e destinos,*
*nem nada sei da vida, cardume que se reinventa...*
*Nem nada sei do que na guerra existe,*
*do que na morte existe, do que na dor existe.*
*Sei que os homens sofrem porque lembram...*
*Sei que a cada manhã o tempo passa,*
*repartindo os filhos, as estórias, as mulheres*
*e que à noite restará um verso sem luz.*
*Nada sei, nada sei, nada sei,*
*mas quero guardar a alegria de cantar o amor.*
*Nada, nada, nada como o amor que vem*
*invadindo as cidades, as catedrais, os ermos*
*em louvor do grão da vida.*
*O resto é silêncio como disse Shakespeare*
*e morrer também não é remédio!*
*Os livros não dizem tudo,*
*nem os astros nem as crenças.*
*As lições de partir*
*ficam aquém das estações e dos cais.*
*Só além do mar e dos teus olhos*
*vejo a ilha dos amores,*
*seus arrecifes de espinhas, seu gosto de sono,*
*a ressaca, o nunca mais...*
*Nada sei que me diga do definitivo pouso,*
*se há o ponto de apoio que procurava Konoválov,*
*se é possível o dantesco paraíso no meio do caminho,*
*ou tudo é selva escura, solidão, inferno?*
*Nada sei que me diga das estrelas*
*nem do amor que tu me tinhas, seus topázios,*
*seus cabelos de silêncio.*
*Sei que os homens sofrem porque lembram...*
*Sei que o amor, o amor, o amor só é possível*
*reinventado...*
*E nada sei dos homens nem dos deuses,*
*se há o verso maior, o poeta maior, o amor maior,*
*se nesses dias brancos algum dia eu serei feliz!*

## Canto II

*Nunca saberei quem sou.*
*Meus versos dizem pouco de mim.*
*A leitura dos malditos pouco diz de mim.*
*Pouco diz de mim o Dom Quixote,*
*o Eclesiastes, Dante, Borges, Pessoa*
*e todos esses labirintos que me deslumbraram.*
*A terra de onde vim, seca e triste*
*como o vento, nada diz de mim.*
*Dos meus avós nada ficou*
*que me lembre a mim.*
*Nem a força do meu pai passou por mim.*
*Onde me encontrar não sei.*
*Não sei onde estou nem saberei quem sou.*
*Nem mesmo sei se me sou nos olhos*
*de quem amo, e amar é tanto em mim.*
*Quando leio as Viagens de Gulliver,*
*as lendas do Minotauro, o Robinson Crusoé,*
*apenas lembro de mim,*
*tenho saudades de mim.*
*Pouco tem de mim as mulheres que amei,*
*os amigos que fiz, o tempo que perdi,*
*os filhos que abandonei...*
*Nunca saberei quem sou.*
*Nem o amor, ilusão maior,*
*contém muito de mim.*
*Talvez a velhice me dirá quem sou.*
*Quem sabe Deus me dirá se sou.*
*Talvez a morte, espelho maior,*
*saberá de mim.*

**Hildeberto Barbosa Filho** é poeta e crítico literário, paraibano. Professor da UFPB e autor, entre outros, dos livros: **A Convivência Crítica** (ensaios) e **A Geometria da Paixão** (poemas). **Dois Cantos Desesperados** são de **O Livro da Agonia** (inédito).

Colagem de Eri Furtado

# Por Amor a Chet Baker

*Carlos de Souza*

Confesso que meus olhos eram os seus quando saltou numa noite fria da janela do quinto andar de um hotel barato na Europa. Somente agora me atrevo a compreender a separação sutil entre a sua visão clássica da vida e a visão romântica. Nele os dois conceitos pareciam inseparáveis. Uma ânsia de tocar a ferida do nosso tempo e ao mesmo tempo uma ternura no modo de afagar esta dor.

Agora entendo sua vontade de apunhalar o mundo pelas costas, exatamente pelo desejo de amar a todos como se estivesse de frente para a eternidade. Pois para ele a solidão encerrava o paradoxal desejo pela companhia de alguns outros. Entretanto destilava este ódio comum pelos semelhantes por saber que o simples fato de estar vivo confirmava este amor incestuoso pelo próximo e que ele tentava esconder a qualquer custo.

Difícil suportar a convivência com os outros. Os apertos de mãos. Os afagos que escondiam pedradas no rosto. Os abraços dissimulados, tapinhas nas costas, sorrisos como farpas.

Era um homem despido da vaidade do saber ser.

Portanto esta fechadura de trava dupla na porta, estas cortinas sempre cerradas, este caminhar corcunda colado aos muros, este silêncio mineral. Mas no palco, sob as luzes, o trumpete colado aos lábios úmidos, um sorriso beato no rosto e as mãos acariciando a alma. Ouvidos sempre atentos aos malabarismos das notas, surdos aos aplausos e assovios da platéia. Lindo num rosto enrugado de ancião com sua voz celestial de anjo adolescente.

Somente sobre o palco a felicidade plena. Ah, se a vida pudesse ser um interminável show!

Mas ao apagar das luzes a angústia batendo no peito de volta. Maldita angústia que o arrastava para o implacável vício. A heroína voando rasante entre as veias. O sabor da morte lenta ressecando os lábios num arrepio de um quase prazer. Em sua casa, sozinho sentado na cama, as luzes apagadas, um trumpete gemendo baixinho para não incomodar os vizinhos. Talvez daí a origem do **Cool**. O velho coração batendo rápido, acima de suas possibilidades, numa dor parecida com paixão.

Pelo menos o conforto de estar sozinho. A madrugada acolhendo sua voz límpida, tímida, primal como o choro de um bebê. Ele sussurrando, **thank God**, e seguindo no labirinto dos sons. Um gole de Brandy de vez em quando para manter a chama. Os primeiros sons da manhã já entrando pela sua janela quando ele decide sair para os bares.

Pronto. Um lugar sórdido e enfumaçado para fugir do desespero. Nada dos ambientes higiênicos dos lares desta América apodrecida. Só há uma maneira de se fugir do fedor que emana de toda a hipocrisia. Mergulhando no lixo dos que não concordam em dar o rabo para participar das migalhas do banquete do poder.

Bem, agora que eles sabem que estou morrendo vão regravar todos os meus discos, dizia ele enquanto entornava mais uma dose.

Este olhar de menino desamparado que vejo agora no espelho é o mesmo que vi na noite em que ele decidiu tomar sua última dose antes de pular para o descanso afinal. Por isso quebro todos os espelhos da casa. Tenho medo do destino que se esconde por trás do brilho que emana dessa luz.

Por isso evito andar pelos bares com medo de ver seu fantasma perambulando entre os bêbados noturnos. Medo de ouvir sua voz rouca de paixão pedindo que não tenham compaixão, nem temam sua revolta, pois seu ódio é mais dentro.

Tocar seu trumpete prateado e beijar os lábios daquela menina que ama seu sorriso não a sua fama. Era apenas isto que ele queria.

Viver só era possível tocando os delírios da irrealidade.

Fora isso a idiotice dos outros torturando sua alma sensível de homem puro. A vontade de ser um apenas animal noturno, sossegado em sua ira. Vontade de ficar horas cantando no chuveiro sem ninguém por perto para aplaudir, vontade de ficar horas sentado num banco de praça sem ninguém por perto para pedir que ele posasse para um anúncio de gravatas. Pessoas que adoravam seu jeitão James Dean fora de época, mas que agora mudavam de calçada para não ver sua ferida aberta.

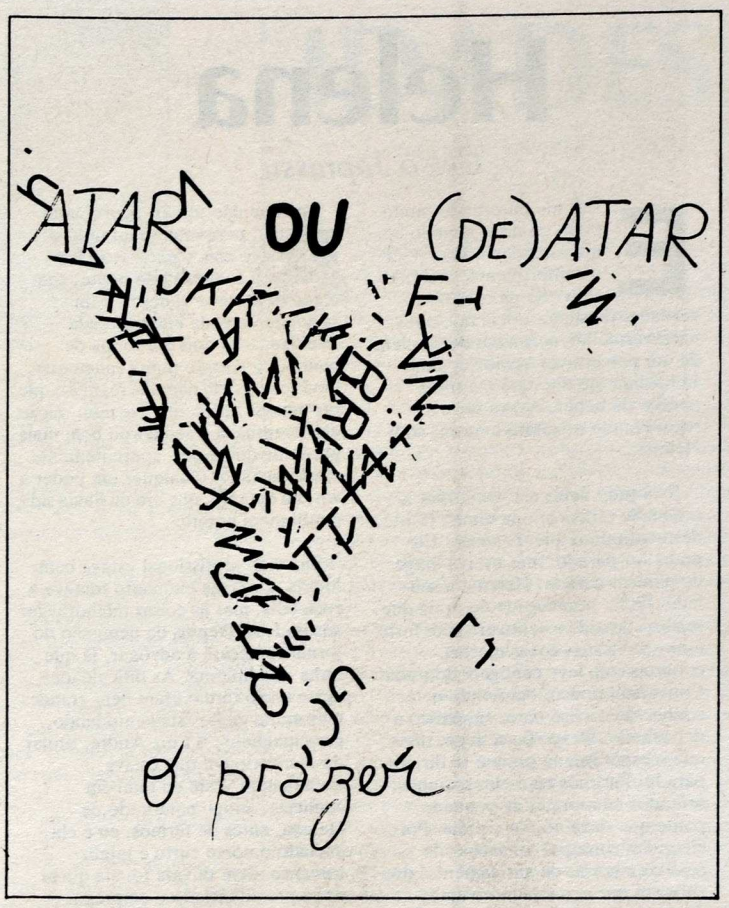
Inesquecível a noite em que a loucura corria a mil em suas veias e o cérebro parecia querer explodir e ele ainda ouviu sua voz gritar, Mamãe! antes de despencar cinco andares abaixo, ou oito andares, sei lá. No momento da queda ainda tentei lembrar acordes da canção que ele cantara no bar e a noite ficou interrompida para sempre pelas buzinas dos carros na rua, nossos corpos estirados no asfalto, o sangue misturado à lama e à chuva fininha, como na foto do jornal.

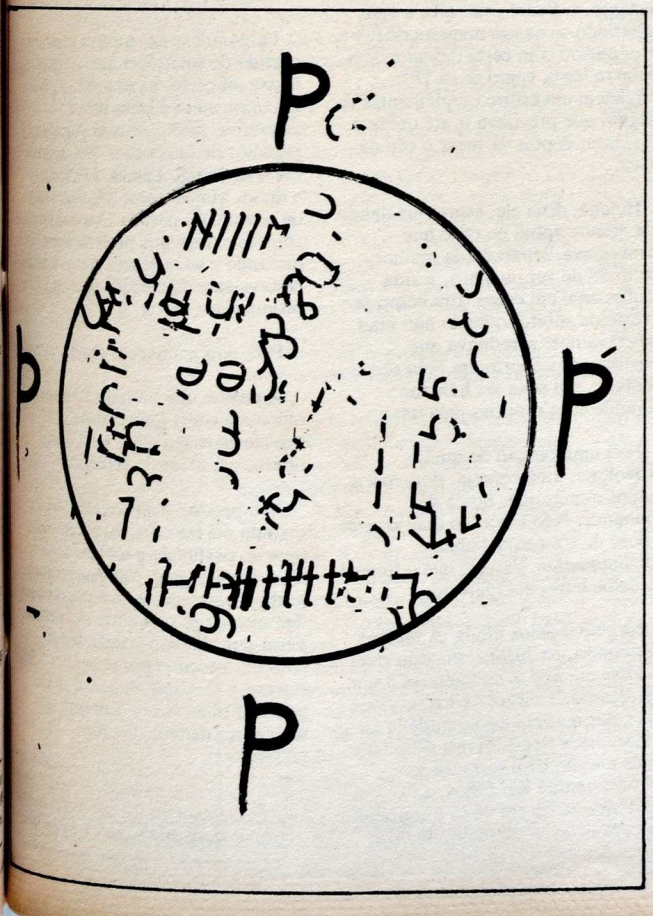
(Para ler ao som de Chet Baker Sings Again)

***Carlos de Souza** é jornalista e escritor. Autor do livro Crônica da Banalidade, editado em 1988 pela Fundação José Augusto e Editora Clima.*

# Poemas para Jomard

Dailor



# Lírico Pelírio Pelírico

**Dailor Varela** *é poeta. Autor, entre outros, do livro de poemas* ***Jaula Aberta.***

# Helena

*Celso Japiassu*

Estás me parecendo muito bem, eu disse quando ele me estendeu a mão para o cumprimento, embora estivesse na cara o seu verdadeiro estado: olhos injetados, nariz vermelho, pele amarelada, além de um perceptível tremor de mãos. Já haviam me dito que ele tinha parado de beber, estava se recuperando e voltara a morar com Helena.

Está tudo bem, ele disse, mas a realidade estava ali, na minha frente, desmentindo o que dizíamos. Ele podia ter parado, mas estava longe de parecer curado. Helena, a seu lado, linda, numa saída de praia que se abria quando o vento era mais forte e mostrava suas coxas macias, cobertas com leve penugem dourada. Conversou pouco, mantendo o conhecido sorriso entre simpático e debochado. Despediu-se logo, disse que o esperaria na praia e se dirigiu para lá. Ficamos eu e ele, sozinhos, sentados na murada da pequena ponte que dava acesso à praia. Foi ele quem começou a lembrar de pessoas e coisas de antigamente, dos anos em que nos encontrávamos diariamente pelos bares da Zona Sul.

Frederico estava exilado em Paris, depois de uma história de fuga e perseguições. Escrevera há pouco contando as dificuldades por que passara e dizendo que no momento as coisas haviam melhorado, estava trabalhando numa livraria da Rue des Ecoles. De Luiz, nunca mais se ouvira falar. A última notícia era a de que estava trabalhando em teatro pelo interior. Hilda, casada com um oficial do Exército, cheia de filhos, morando em Londrina. Paulo Antunes publicara um livro de poemas muito ruins e trabalhava no Banco do Brasil.

Falamos ligeiramente dos anos em que vivi com Helena, mencionando a briga e a separação. Haviam começado a sair juntos pouco depois. Contou que tinha sido obrigado a parar de beber depois de uma crise de delirium tremens, um internamento e o diagnóstico acusando o princípio de uma cirrose hepática. Antes de parar de vez, tentou diminuir, beber socialmente, mas não funcionou. Ou se corta a bebida, disse, ou se fica anestesiado, emendando uma bebedeira na outra, adiando a ressaca.

Disse que Helena fora peça fundamental no processo de recuperação que estava desenvolvendo. Hoje, sou um consumidor fanático de coca-cola, acrescentou sorrindo.

Por que não tomar, agora, uma coca-cola, perguntei segurando-o pelo braço, conduzindo-o ao bar próximo à cabeceira da ponte, com algumas mesas e cadeiras numa pequena varanda ensombreada. Estávamos os dois em roupa de banho, eu vestido numa sunga que havia comprado naquela manhã e que me parecia indecente, ele num calção que acentuava o seu corpo bem mais gordo de que antes, aparentemente ainda inchado. Qualquer um poderia ver, no entanto, que era ou havia sido um homem bonito.

Sua vida profissional estava bem fodida, ele disse enquanto tomava a coca-cola, mas as coisas melhoravam aos poucos. Depois da demissão do jornal começara a advogar, já que tinha um diploma. As dificuldades neste início tardio eram bem grandes mas muita gente estava ajudando, principalmente o Luiz André, titular do escritório em que estava trabalhando. Este eu também conhecia, antigo namorado de Helena, antes de termos, eu e ela, iniciado o nosso curto e infeliz romance. Sem dúvida foi ela quem tinha providenciado o emprego. Olhei em direção à praia, através das mesas da varanda, procurando avistá-la. Acredito que era ela a moça de biquini preto, deitada ao longe, por trás dos guarda-sóis.

A vida é um labirinto, eu disse. E tomei, em grandes goles, de uma só vez, um copo de cerveja. Ele me fitava, com seus olhos vermelhos, durante os segundos em que eu engolia a cerveja, depois desviou o olhar.

Uns cinco minutos depois a garrafa de cerveja estava vazia. Pedi uma dose de conhaque e outra garrafa de cerveja. Ele falava sobre os tempos da Banda, do Bar Veloso e de alguns personagens mortos há muito tempo.

Edgard morreu num desastre de automóvel, de madrugada, na Lagoa, voltando de uma festa em Santa Tereza. O carro capotou três vezes, na curva do calombo, antes de mergulhar na lama.

Renato, depois de alguns anos dedicados a um caótico misticismo de religiões orientais, visões de discos voadores, comida macrobiótica e drogas, apareceu morto no apartamento em que morava sozinho no Jardim Botânico. O crânio esfacelado por pancadas com um objeto contundente, segundo o laudo do Instituto Médico Legal.

Eu ouvia, enquanto ele falava,

Chico Caruso

embora conhecesse todas aquelas histórias.

Pedi duas doses de conhaque, quando terminei a que estava na minha frente. Foi com naturalidade que ele pegou o copo e deu o primeiro gole. Toquei o meu copo no dele, como se fosse um brinde, tomei mais um gole e pedi outra cerveja.

Helena, dizia, estava sendo muito legal. Percebi como de repente, num instante, o álcool começara a agir, refletindo-se na sua maneira de falar. Pronunciou com certa dificuldade a palavra legal, como se os "ll" exigissem um esforço suplementar da língua, que precisava ir até quase à garganta, depois de tocar o céu da boca.

Helena, dizia ele, estava lhe dando um grande apoio na crise que atravessava, separado da mulher, proibido de ver os filhos, a vida profissional em cacos. Era como se tivesse, de súbito, quando não mais esperava nem acreditava que existisse, descoberto um belo ser humano, um puta ser humano, segundo suas próprias palavras.

Pedi uma porção de queijo provolone, uma cerveja, dois copos limpos e mais duas doses de conhaque. Não tocou no queijo, mas a dose de conhaque bebeu imediatamente. Percebi que o tremor de mãos havia desaparecido.

Perguntei pelos filhos. A mulher conseguira, na Justiça, impedir que os visse até que se submetesse a um tratamento. Tentava vê-los na saída das aulas mas ela havia mudado as crianças de colégio. Havia percebido, antes mesmo da interdição, o distanciamento dos filhos, a relutância deles em vê-lo e soubera que um deles, o do meio, de doze anos, dissera mais de uma vez que o odiava.

A cerveja, junto com o conhaque, um macieira forte e macio, agia também sobre minha cabeça e levantei-me um pouço tonto. Fui ao banheiro e, na volta, vi que ele olhava por entre as cadeiras da varanda, procurando localizar Helena entre os guarda-sóis. Estava com outra dose a sua frente, pedi uma para mim, ele engoliu a sua de um só trago. A esta altura, ria de qualquer coisa que eu falasse, como se estivesse se divertindo.

Perguntei se não toparia jogar uma partida de sinuca em um bar que ficava ali perto, na esquina. Tinha uma boa mesa e tacos novos. Lembrou, rindo, de uma partida que jogamos de dupla com dois outros caras no antigo Lamas. Ele fechara a mesa. Matou a sete três vezes antes de terminar a partida. Recusou o convite e disse que preferia ficar matando a sede de três meses à seco. Notava-se a dificuldade com que pronunciava os "rr".

Pedi dois conhaques duplos.

A nuvem que baixou sobre seus olhos era como uma cortina que transformou seu olhar num olhar opaco, um olhar de peixe.

Não prestou a menor atenção quando me levantei, fui até ao caixa, pedi ao português para tirar metade da conta e paguei. Não paguei a sua parte porque estava com pouco dinheiro e por saber que ele não iria parar por alí. Na varanda, indo embora, procurei por alguns segundos localizar Helena mas não posso afirmar se era realmente ela uma moça deitada de bruços, lendo uma revista.

---

*Celso Japiassu é poeta e publicitário*

# Luciano Zajdsznajder:
## Aprendendo a transar o desencontro
*Entrevista a Cristiana Silveira*

Sérgio Perez

*"O sentimento pós moderno é multifacético"*

O Professor do mestrado da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, Luciano Zajdsznajder é carioca e pesquisador do pós moderno. Há três anos estuda o assunto com maior aprofundamento, mas faz da sua existência uma prática constante de um eterno estado pós modernista. Ao leitor de "O Galo", com contentamento, apresento uma entrevista bem dosada com momentos imperdíveis e cheios de emoção.

C. S. — Luciano, o que é o pós moderno?

L. Z. — É a forma cultural dominante nos países desenvolvidos, que tem repercussão nos países menos desenvolvidos como o nosso.

C. S. — Quais as características principais do pós moderno?

L. Z. — A ausência de regras principais e definitivas em relação a qualquer coisa. Por exemplo usar terno no verão.

C. S. — Como você começou a se interessar pelo pós moderno?

L. Z. — Através da Filosofia. Vi que as formas tradicionais de filosofia não funcionavam mais. A libertação das formas tradicionais da filosofia me fizeram olhar em torno e assim vi os meus olhos abertos para uma realidade que se chamava pós moderno.

C. S. — Como você aplica o pós moderno no seu dia a dia?

L. Z. — Toda a minha vida é vivida no pós moderno quer eu queira ou não.

C. S. — E o sentimento pós moderno é diferente do sentimento moderno?

L. Z. — O sentimento pós moderno é em geral multifacético. Sentimento de muitas facetas, enquanto o sentimento moderno é unidimensional.

C. S. — Mas assim não pode criar uma enorme confusão?

L. Z. — A confusão moderna é a que se instala no momento da decisão. A pós moderna não existe. Pode acontecer quando uma pessoa de visão moderna tenta pôr ordem no mundo.

C. S. — Você já fez muitas palestras e quais os assuntos que mais despertam curiosidade do público?

L. Z. — Já fiz palestras no Rio de Janeiro, Brasília, Salvador e Fortaleza. As pessoas em geral pedem para que eu fale sobre a diferença do moderno e do pós moderno. No moderno existem regras e no pós moderno estas regras não existem. Depois, ainda gostam muito quando falo de um assunto que é referente ao tempo. O tempo moderno é voltado para o futuro e o pós moderno é voltado para o presente. E por último a palestra sobre a condição humana. O **eu**, o **tu** e o **nós**. Onde **o eu é um show, o tu a diferença** e **o nós uma variedade de nomes.**

C. S. — Você pensa em escrever algum livro sobre o assunto?

L. Z. — Já estou escrevendo um livro de textos que pretendo editar em breve. O livro se chamará "Guia para o mundo pós moderno — Como sair vivo dessa". Aí mostro minhas visões do mundo pós moderno baseado em observações. Oriento as pessoas para conviverem com o pós moderno e distinguí-lo.

C. S. — O pós moderno é uma época?

L. Z. — Não se sabe direito se o pós moderno é uma época. Eu particularmente acredito que o pós moderno está no começo da transição. Porém ele ainda pode sofrer muitas transformações.

C. S. — O que se espera desta transição em relação ao mundo?

L. Z. — Pode-se esperar que concluída esta transição resulte numa definição do mundo, inclusive sendo mais sólido. Penso ainda que o mundo que virá depois não será sólido.

C. S. — Como você pode explicar uma coisa dessas?

L. Z. — No pós moderno existem detritos modernos, experimentações propriamente ditas pós modernas e sinais do futuro. O nosso planeta está desgastado e isto implica numa série de coisas como por exemplo a ecologia destruída e tantas outras coisas, assim creio que teremos que mudar de planeta ou ainda devemos nos encontrar com outras civilizações.

C. S. — O que te chama atenção em especial dentro do pós moderno?

L. Z. — A forma cultural que atinge todo mundo do rico ao pobre. É uma espécie de existencialismo. Sente a experiência grande da liberdade, e vive esta liberdade quase sem ruídos.

C. S. — O pós moderno tem possibilidade de ficar monótono, sem graça?

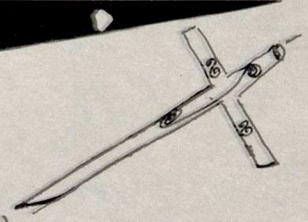
L. Z. — A vida do pós moderno pode ficar monótona se não tiver a criatividade suficiente que é necessária para inventar o pequeno mundo a cada instante. Aí se aplica a filosofia do desencontro. Temos que aprender a transar o desencontro com contentamento.

# IDADES

*LUCIANO ZAJDSZNAJDER*

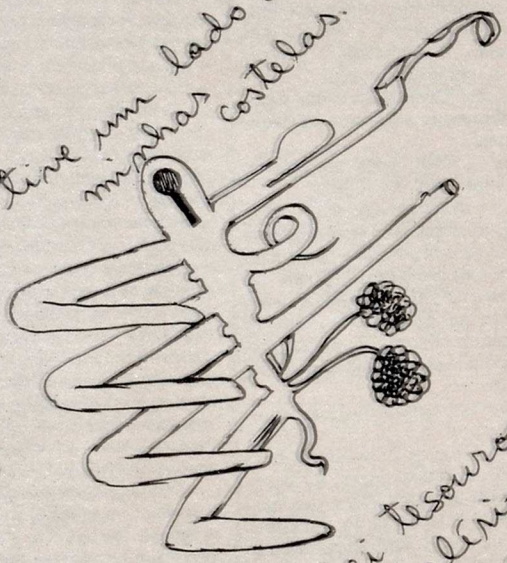
*As dúvidas sobre as idades da humanidade — as suas etapas — refletem-se sobre as etapas da vida individual. De fato, nem se refletem. O que perdemos é o fim de uma história, a certeza de um antes e de um depois. Trata-se de uma experiência de tempo muito singular, que para a fragmentação contemporânea é completamente verossímil. Nosso tempo pessoal deve ter sofrido uma espécie de explosão, que aparentemente qualquer de seus momentos pode conter o princípio e o fim. Assim, a criança já contém o adulto e o velho, e este contém a criança mas poderá também conter o jovem. Efeitos de tecnologia, de um lado, e, de outro, a carência de um fio condutor que conte de uma vez para sempre a história de nossas vidas. Portanto, poderemos estar sempre parcialmente confusos ou mesmo inteiramente confusos. Em que ponto exatamente da nossa existência nos encontramos? Sem dúvida, podemos olhar para nossos pais e para os nossos prováveis — e também improváveis filhos — e isto irá espelhar de alguma forma a nossa idade. Entretanto, cada vez mais o que se chama de idade tem pouco a ver com a biologia e sim com as possíveis reviravoltas, nossas opções, mudanças de máscara ou de direção de vida. Ou simplesmente, alguma alteração de linguagem, que de simples pode não conter nada realmente. Parece que estas idades estão dentro de nós, como estoques de experiências a ser desmembradas, afastadas ou mesmo retornadas. Num certo momento — o atual — deste espalhamento das idades, parece que só possuímos a infância, a juventude, a idade adulta e a velhice. No entanto, é óbvio que imediatamente começam a aparecer combinações variadas. E também sucessões inesperadas. A experiência psicodélica já tinha parcialmente antecipado esta não linearidade das idades. Há uma enorme diferença entre o efeito de alucinógenos e aquilo que se dá na chamada "vida real". No entanto, a este desatrelamento de idades não parece adequado o uso do rótulo "vida real". O que é "vida real" tornou-se difícil de dizer. O que é um indivíduo real também. O que é uma criança, um velho, um adolescente? Em que fase realmente de nossa vida nos encontramos? Tortuosa e ficcionalmente, podemos falar em memórias do futuro, de já termos experimentado algo para o quê estamos novamente partindo. A experiência do tempo vai se tornando ou já se tornou muito particular. O nosso presente já é sempre fragmentado e não pode ser vivido como um puro presente, porque se encontra aberto para tantas perspectivas. Em outra passagem, assinalamos que o tempo do pós-moderno é o presente. Mas restava sempre analisar de que se trata quando se fala deste presente. Sem dúvida, não é o presente dos tempos modernos ou tradicionais. É um presente específico que estamos começando a descobrir. E descobrimos a partir das variedades das nossas idades. Uma experiência singular é a de viver uma idade específica, que elegemos. Isto parece risível, mas vivemos uma elasticidade do tempo pessoal, uma maleabilidade que épocas passadas nem acreditariam. É certo que nem todos — na verdade, ainda muito poucos — fizeram a descoberta desta maleabilidade, que torna a morte uma interrupção completamente inexplicável e absurda. É como se pudéssemos recomeçar e recomeçar sempre. Como um paralelo pouco pensado, à composição e à recomposição das idades corresponde à possibilidade de mudanças de sexo. A experiência a estes respeito é tão limitada, que há pouco a falar que não seja uma especulação sem maiores bases.*

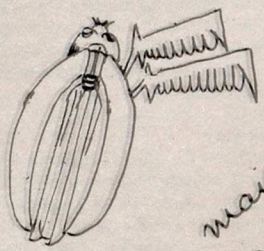
*Eli Celso Dantas da Silveira*



# Antes de Morrer,

só tive um lado das minhas costelas.



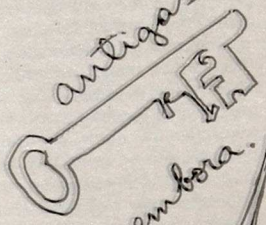


Só roubei tesouros dos portais do delírio. Voei para o sol como as almas antigas voavam.

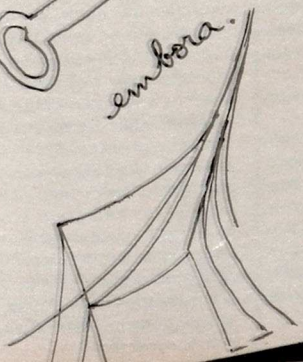
Aos ventos que me banham nunca mais olharei. Nunca mais pensarei para poder ir embora.

Me sinto descamado e diluído. Frágil como as núpcias que não tivemos.

Sou tua espera, teu ritmo inútil ambulante. Tua fadiga. Sou o que sei ser de mim e de ti mesma.

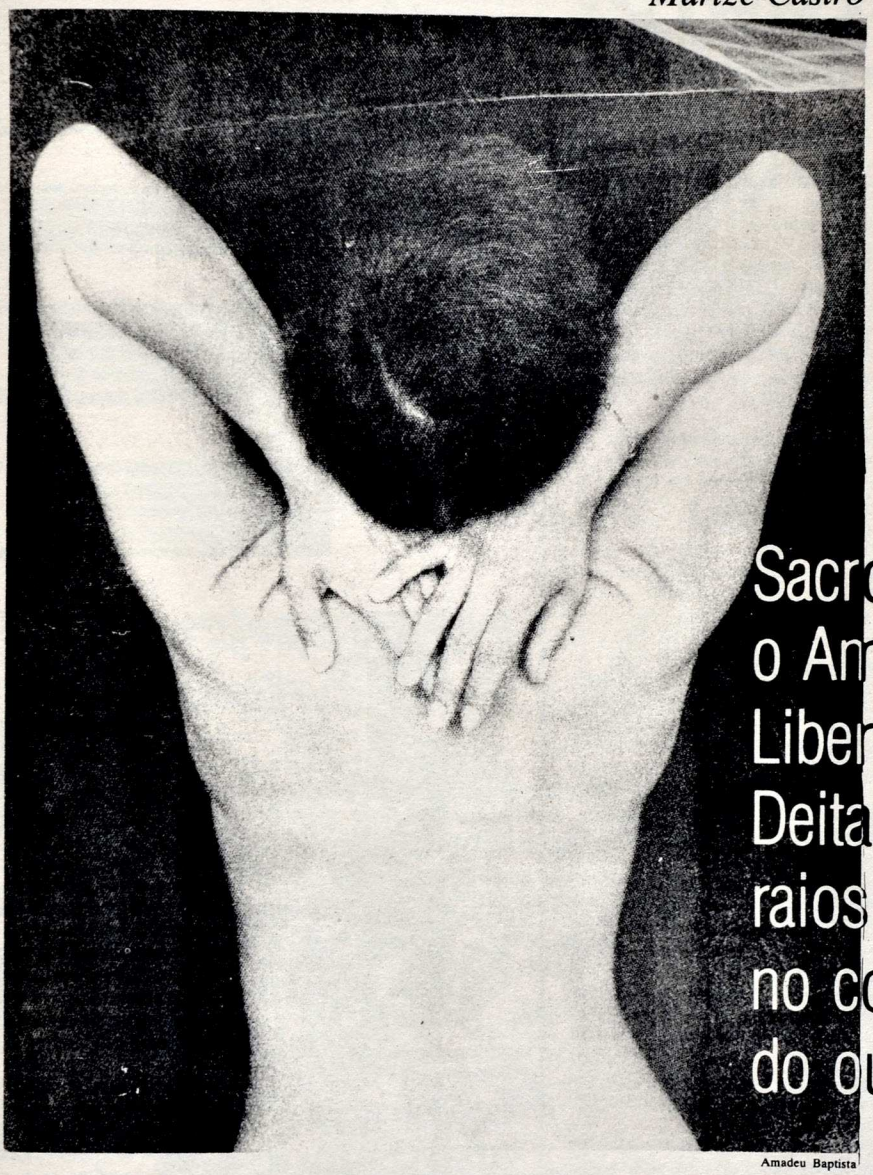


Aqui estou. Continuo a imitar a canção do longe. Do longe! Aqui estou: Inquieto e débil como uma procura de ti distante. Aqui estou, mas onde estais dentro do longe?



# O Amor

*Marize Castro*



Amadeu Baptista

Sacrossanto
o Amor.
Liberto.
Deitando
raios
no corpo
do outro.

***Marize Castro*** *é jornalista e poeta. Autora do livro de poemas* ***Marrons Crepons Marfins.***

# A. de Araújo:

## A pesquisa intersígnica

*Anchieta Fernandes*

A última década deste século XX vai definir o modelo novo de linguagem poética, a linguagem que caracterizará o comunicar poético no século XXI, e que acentuará inegavelmente a eficácia das imagens não verbais lado a lado com a palavra. As matrizes formadoras desta nova linguagem fermentaram-se em dois tipos de movimentos poéticos que foram deflagrados nas décadas 60 e 70 deste final de século: a visualidade seriada do Poema/Processo (década 60) e os meios de veiculação paralela que a geração de poetas alternativos dos anos 70 passaram a usar. A visualização seriada; os veículos paralelos ao livro comum — eis aí as duas marcas da produção poética que virá (e quando falo em veículos paralelos já não é somente pensando em livrinhos mimeografados, e sim pensando nas possibilidades de uso de multimeios além do livro, meios como xerox, vídeo, computador etc.).

Um artista norte-rio-grandense, A. de Araújo (registrado Deusdeth Avelino de Araújo, patuense de 06/02/1953) poderá ser um dos melhores autores desta nova etapa do comunicar poético, com suas pesquisas no visual, utilizando cópias xerox, colagens, carimbos, **ready mades** etc. Pouco divulgado em veículos culturais da cidade, com exceção do jornal "A Margem" que lhe tem aberto amplos espaços; participante também do movimento de Arte Correio, ele já teve trabalhos expostos e publicados em três Continentes, guardando inclusive — como lembrança e exemplo de respeito ao direito autoral — cheques de grupos artísticos e organizações culturais internacionais, pagos a ele pelo uso do seu trabalho.

Como reconhecimento internacional de sua obra, pode-se destacar também o seguinte: em uma exposição de poesia visual realizada na Califórnia (EUA), o poster publicitário anunciador da exposição não teve como ilustração trabalho de nenhum poeta europeu ou norte-americano participante, e sim um de A. de Araújo (em minha opinião, isso honra não somente a criatividade de A. de Araújo, mas também o potencial em si da criatividade norte-rio-grandense).

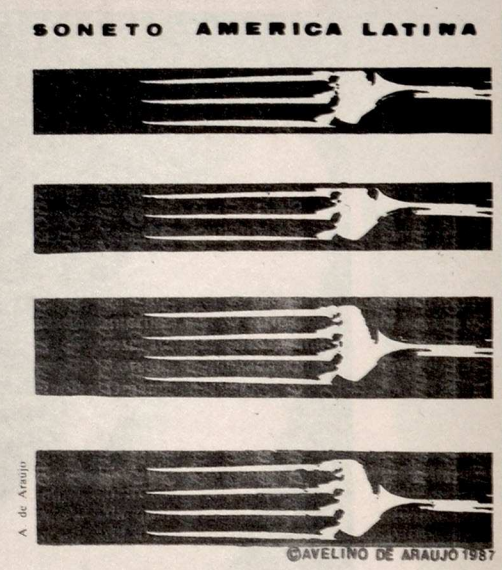
Dentre as mais importantes exposições de Arte Correio de que A. de Araújo participou, pode-se mencionar as que tiveram os seguintes temas: "Desaparecidos Políticos de Nossa América" (incluída na 1ª Bienal de Havana, Cuba, 1984); "Longa Vida à Arte, Longa Vida à Terra" (do projeto ecológico internacional de Arte Correio, em Varese, Itália, 1985); "Manifesto de Arte Correio" (realizada em Copenhague, Dinamarca, 1987).

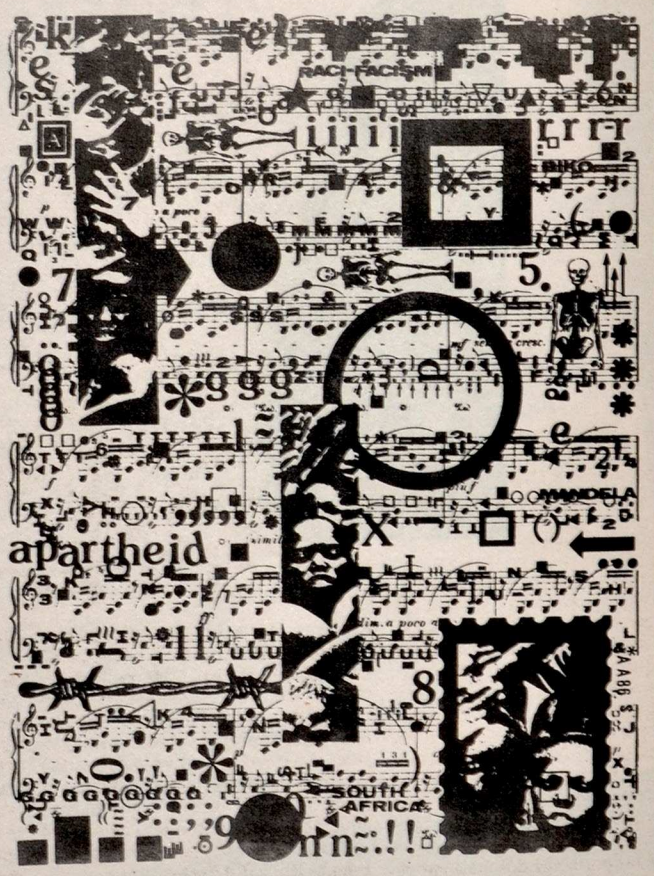
Por sua vez, em janeiro de 1982, A. de Araújo já organizara para o Centro de Cultura Alternativa, do Rio de Janeiro, uma exposição de Arte Postal, da qual participaram artistas de mais de 30 países, número superior aos participantes da Bienal de São Paulo, que se realizava na mesma época. Escrevendo no livro de presenças desta exposição, o poeta/processo Álvaro de Sá disse o seguinte: "A exposição está magnificamente realizada, superando de muito diversas outras do mesmo gênero que vi em outras partes do mundo (Itália, França) e mesmo no Brasil. É mesmo mais importante do que aquela que se realiza hoje na Bienal de São Paulo".

Para compreender os processos e técnicas visuais desta verdadeira oficina de criatividade que é a obra de A. de Araújo (segundo Falves, o patuense é o melhor resultado do trabalho informacional do Poema/Processo repercutindo na Arte Correio, no contexto da nova geração artística norte-rio-grandense) poderemos seguir linhas direcionais de leitura, abridoras de perspectivas/prospectivas. Como por exemplo, constatar a latência conteudística que se transforma em imagens manifestadas concretamente.

O poeta procura sempre, ou quase sempre, os temas de uma visão social/política (a fome, a guerra, a ação nefasta de governos ditatoriais e repressores passando sob o crivo de um registro contestador), determinando-a formalmente desde um compromisso com o comunicante visual, com o semiótico. Nele, o poema obedece (com raras exceções) ao efeito de somar a linguagem escrita à linguagem visual. Se a linguagem escrita (veículo da literatura verbal) é perceptível pelo olho, mas de forma linear, sinal após sinal, trata-se aqui de vincular ela à linguagem visual, para resultar num novo veículo lingüístico de comunicação, o poema visual possibilitador de percepção global imediata.

A partir desta operação técnica (onde o poeta trabalha a junção de palavras a imagens usando letraset, fotos de jornais e revistas e seu próprio desenho), desenvolve-se um discurso semiótico, distribuído algumas vezes em séries, imagens seriadas cujo título designador, para uma leitura decodificadora, tanto poderia se referir à forma como ao tema escolhido. Assim, teríamos a série "selos", onde o tema é enquadrado em uma mimese gráfica das estampilhas de Correio, sugerida pelos picotes que cercam a moldura/suporte da imagem. Teríamos a série "quadrinhos", poemas que desenvolvem uma certa dinâmica narrativa através de mais de um quadrinho. Teríamos a série "poema/processo", poemas enquadrados nas teorias do poema/processo: inauguração de processos, versões etc.



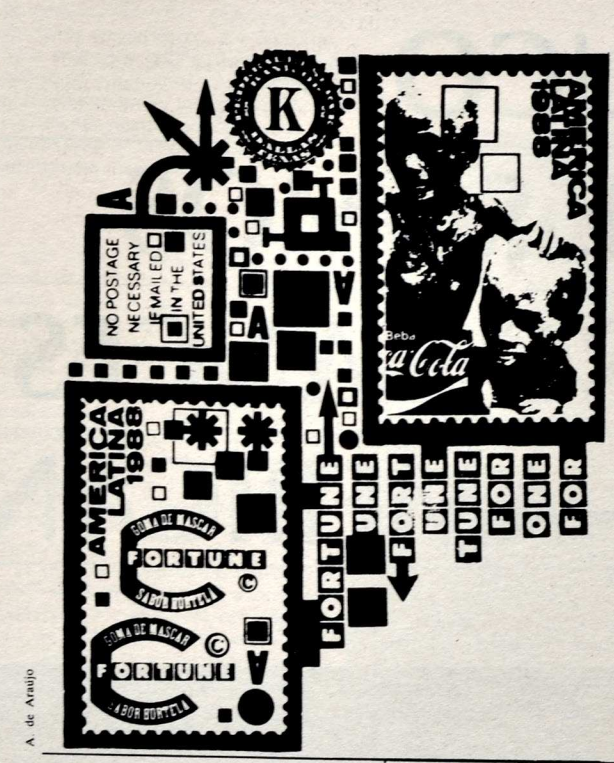
Tematicamente, poderíamos apontar, dentre outras, as séries: "antropografimagens", poemas onde o corpo humano ou partes do corpo humano são retrabalhados com imagens gráficas; "politissignos", signos de situações políticas relocados para um contexto semântico de contestação; "metalinguagem", poemas visando ler-se a si próprios.

Na verdade, a obra de A. de Araújo não se limita em definições fechadas ou em programas de uma única escola estética. Ver seus trabalhos é ler o vocabulário iconográfico que o século XXI promete. Gêneros literários e as táticas dos meios de comunicação são superados e inscritas suas propostas e formas em um novo parâmetro repertorial. Por exemplo: soneto, uma das fórmulas rítmicas da poesia tradicional, é redimensionado em dois trabalhos: "Apartheid Soneto", onde os 14 versos-palavras são substituídos por 14 figuras de arame farpado (significando o aprisionamento e a separação racial sul-africana); e no "Soneto América Latina" mais original ainda com os 14 versos-palavras substituídos pelas imagens de garfos, fotografados de maneira a aparecer duas imagens com garfos de 4 dentes e duas imagens com garfos de 3 dentes (a significação seria esta necessidade da América Latina, de usar o garfo para alimentar-se e matar a fome secular continental que nos foi imposta no contexto das misérias do Terceiro Mundo).

Aliás, os Beatles inegavelmente representaram um momento novo para a música popular universal, no entanto eles foram os habitantes privilegiados de um mundo privilegiado e puderam sonhar com uma **magical mistery tour**, viagem em mundos mágicos de imagens felizes. Em contrapartida, A. de Araújo traz as imagens realistas deste nosso Terceiro Mundo, mostradas num poema como a **magical misery tour**. A técnica publicitária é usada, para veicular mensagens anti-belicistas e anti-imperialistas (por exemplo, o símbolo do Fundo Monetário Internacional aparece substituído pela imagem do inseto causador da **doença de Chagas**).

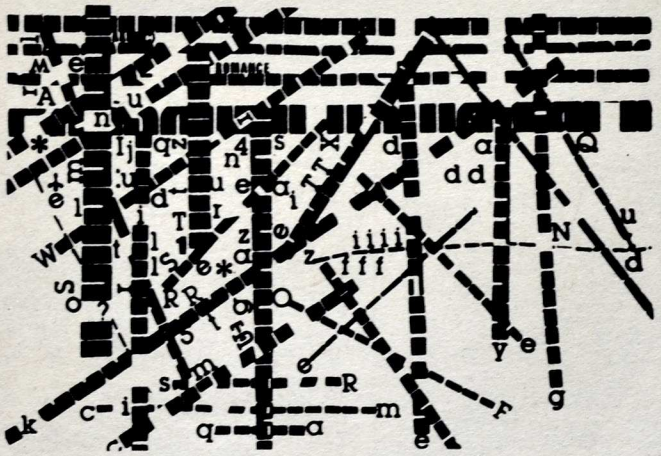
Falando sobre este momento contemporâneo da comunicação humana, Lamberto Pignotti escreveu o seguinte na revista uruguaia "O dos": "... nos encontramos diante de mensagens concebidas com uma 'gramática' que não é exclusivamente verbal nem exclusivamente visual em suma: uma gramática que tende a fazer interagir a palavra e a imagem. As comunicações de massa (porém não somente elas) dão lugar ao limite, ao intercâmbio das partes, no sentido de que a palavra pode ser 'vista' como ideograma (mencionados certos slogans publicitários, certas marcas de fábricas, certas siglas, certos títulos de jornais) e a imagem pode ser 'lida' como mensagem verbal (desde a foto 'oficial' de um filme até aquela de um encontro de políticos)".

A partir desta realidade constatada por Lamberto Pignotti é que a poesia visual se faz porta-voz dos mais importantes no contexto da nossa cultura. Para fazer falar o funcional da criatividade e da consciência de criatividade na desconstrução de vazio onde os meios de comunicação se dispersam, miticamente. Não falta a A. de Araújo esta consciência de criatividade, de aludir/desmascarar as imagens cotidianas dos veículos como tarefa política. Assim é que podemos mencionar, por exemplo, os poemas-charges, como o que mostra uma mão disparando o jato de aerosol de inseticida sobre a imagem do ex-Presidente Ronald Reagan.



A. de Araújo

A. de Araújo


A. de Araújo

Compor o conhecimento da obra de A. de Araújo, na verdade, é captar as diversas faces de uma versatilidade intersígnica. Existem os "exercícios de caligrafia", formas fonemáticas agrupadas em sobreposições umas sobre outras, dando origem a um "texto" mais visual que verbal. Existem os "poemas achados", revalorização de papéis de diversas origens encontrados na rua e re/situados com intenção poética. Existe a série xerográfica "homenagem a", onde o poeta xerografa objetos de estimação por fazerem parte de sua biografia vivencial (um óculos com uma perna quebrada, uma meia rasgada etc.), transformando assim a destinação primeira do uso do aparelho xerocopiador, que em princípio deveria servir apenas para ter como objeto de cópias documentos ou impressos. De máquina para uso burocrático a máquina xerocopiadora vira máquina de criatividade, de surpresa poética.

Inclusive, acho que o trabalho de A. de Araújo ultrapassa em suas potencialidades o simples veicular através da imprensa e das participações em exposições. Penso que das várias formas que se desencadeiam umas sobre outras no verdadeiro painel intersígnico que A. de Araújo dispara/opera, algo está apontando o caminho do filme e do vídeo a ser trilhado. Beleza e informação poderiam ser desencadeados nos filmes/poemas e vídeos/poemas nascidos a partir do trabalho visual de A. de Araújo.

Certa vez, Moacy Cirne, falando sobre o poema novo que o movimento do Poema/Processo trouxe, escreveu: "o poema, em sua concretude experimental, produz leituras que levam a novos poemas". É a abertura, a obra-aberta, o convite ao leitor ser co/participante da obra. Em um poema/carimbo de A. de Araújo podemos constatar isso quando ele explica no próprio poema: "toda e qualquer conclusão, reflexão, idéia, implicação, glosa, insinuação, fantasia, conjetura, execração, violação, libidinagem, fraude, invenção, dedução etc. sobre este poema é absolutamente permitida".

O poema de A. de Araújo é esta liberdade. É experimentalismo. Visualidade. Consciência criativa. Comunicação internacional (um de seus poemas foi o Editorial da revista de arte alternativa norte-americana "Pig Iron"; outro está no catálogo de uma exposição na República da Coréia; outros ilustram vários números da revista francesa de vanguarda "Doc (k) s").

Sim. Porque a **aldeia global** não deve ser mais engolida passivamente. Que os caciques continuem querendo contar suas estórias ao redor do fogo (o tubo catódico da TV), admitamos juvenilmente, relevando isto como parte de um sistema anacrônico que está ruindo. Aos poetas, como forças vivas do resto da tribo, resta interferir com suas imagens/mensagens. Com suas contestações visuais. Com sua consciência de um mundo novo, que desponta desde uma nova linguagem a pertinência semiótica de métodos e processos para expressar a definição do século que breve chegará.

O contexto poético deste mundo novo que está se formando é a proposta de poetas tão criativos como o norterio-grandense A. de Araújo, a norte-americana Claudine Barbot, o húngaro Swierkiewicz Robert e outros. A união publicitária destes poetas (em catálogos, revistas e jornais de vanguarda) vivendo em regimes políticos diferentes é o modelo prenunciador, via Arte Correio, de um mundo sem conflitos. Apenas criativo. Intersignicamente.

***Anchieta Fernandes** é jornalista. Redator de O Galo.*

# UM POUCO DO QUE SOMOS E DOIS ROMANCES LATINO-AMERICANOS

*Laurence Bittencourt Leite*

A América Latina parece consistir em um Continente tão amplamente inexplorado, no que diz respeito ao seu grau de problemas, que aparentemente investir-se de literatura, mostra-se bastante apropriado para traçar um quadro aproximado, do que se passa à nossa volta. Não seria pretensão poder afirmar que um estudo meticuloso em nossa literatura, com certeza, revelaria algumas das grandes distorções a que estamos entregues há um bom período de anos. Afinal, um romancista, em que pese, não investir-se do papel de historiador, consegue traduzir com inestimável realismo, ainda que sob aparência fictícia, um pouco do que somos ou do que nos tornamos como Nação.

Não é contudo, nossa intenção, aqui neste pequeno ensaio sobre dois romances latino-americanos, apontar vinculações, que permitam algo neste sentido. Algo valioso, certamente, mas nos sentimos ainda pouco preparados, e devemos reconhecer prontamente. Nossa intenção é mais modesta, e nos contentaremos em oferecer ao leitor alguns paralelos, a partir das obras analisadas, deixando à sua própria imaginação a tarefa de extrair conclusões pautadas, talvez, em sua própria experiência. Posso apenas confessar que foi com grata surpresa que li neste mesmo jornal, uma matéria intitulada, "Kleptocracia e parasitismo no Brasil", onde o autor (desconhecido para mim), fez discorrer uma série de conclusões interessantes, se bem que precárias em algumas delas e limitadas à nossa própria região, sobre a origem das nossas, quase unanimemente odiadas oligarquias e o descabido estado feudal em que nos encontramos. Acho apenas, que como sempre, deve ter passado desapercebido entre os nossos, chamados intelectuais. Mas isso é outra história e por hora não nos interessa.

Chico Canhão

O que estamos interessados aqui, como frisamos, é com a leitura e a análise de duas obras latino-americanas, sendo elas, "Cem Anos de Solidão", de Gabriel Garcia Marquez; e "Viva o Povo Brasileiro", do baiano João Ubaldo Ribeiro.

II

Poderíamos começar nossa abordagem, aceitando o fato, de que é impossível ao lermos "Cem Anos" e "Viva o Povo", não inferirmos semelhanças de relacionamento humano hoje e aos relatados nos livros. Parece ser uma eterna busca de independência e satisfação nunca conquistada. A diferença é que hoje o invólucro, metaforizado pelo progresso, é melhor trabalhado e apresentado, no entanto o conteúdo continua sendo indigesto. É o consolo para os nossos dias. Porém há mais: as duas obras que trazem como tema central a busca desesperada do ser humano em se auto-afirmar, seja como indivíduo ou como Nação, nos expõe amiúde, ainda que a linguagem recorrida pelo autor de "Viva o Povo" se apresente em grande parte fatigante, devido à excessiva dosagem de criação verbal — lembrando em alguns momentos Guimarães Rosa — o egocentrismo humano levado às últimas consequências.

Na obra do autor baiano, fica claro, já no episódio, envolvendo o jovem Perilo Ambrósio, mais tarde condecorado como Barão de Pirapuama, pelos serviços prestados à independência do País, que sob pretexto de demonstrar fervor à causa nacional, contra as subordinações da Corte Portuguesa, se junta à tropas brasileiras, porém sem antes sacrificar um dos seus dois escravos, acompanhantes, para banhar-se de sangue, alegando grave ferimento após uma batalha imaginária. A surpresa maior (ou menor, se preferirem), no entanto, fica por conta, quando sabemos que a adesão, se deve não por fervor à causa, mas ao desejo de vingança junto ao pai português.

Nossa condição parece mudar pouco. O livro é um carimbo fidedigno do que somos capazes de fazer, não importa por quais princípios regidos. Tudo remonta-se a uma questão de oportunidade, ainda que seja difícil admitir. O irracionalismo humano se vê presente, seja na conduta do Cônego Visitador D. Francisco Manoel de Araújo, que se apraz diante da bondade de Deus, em ter colocado no mundo criaturas inferiores, o elemento servil, para que os superiores possam demonstrar "nosso destino de homens normais" e mirarnos como prova da bondade de Deus, — Marx, provavelmente ruborizaria, ao ver sua dialética, colaborar a tão ardilosa justificativa — ou, na atitude ilustrada do caboclo Capiroba que, conduzindo seu harém particular, sente profundo prazer e realizado, ao torturar e liquidar seus pretensos invasores, sob alegação de proteger seu "pedaço de terra". O ser humano jamais encontrou dificuldades em justificar suas atrocidades. O perseguidor será sempre o outro, cabendo a nós o papel de vítima ou de representantes legítimos da verdade. Mas o livro não é um libelo em favor do pacifismo. Ao contrário. Traz embutido implicitamente que a defesa pelo tolhimento à agressão, só se mostra presente, quando nos encontramos em posição desfavorável. Ao menor sinal de favorecimento, não hesitamos em fazer uso dela.

III

Mas as obras analisadas traduzem mais, além dos seus complexos componentes de relacionamento. No livro do escritor colombiano Garcia Marquez, as alavancas profundas dos fenômenos sociais e individuais, são trazidos à tona, carregados muitas vezes por um realismo mágico, onde os limites da imaginação se superpõem ao cotidiano, embora descritos num estilo fino, envolvente, por onde o autor nos conduz a partilhar dos dramas da centenária família Buendía e suas tentativas de auto-superação.

É impossível deixar de perceber o fino humor com que trata o autor sua narrativa, e a áurea de sensualidade que acompanha os personagens até o seu final. Há momentos de uma sutileza memorável, como por exemplo, na frase do Patriarca e fundador de Macondo, José Arcádio Buendía, diante do espanto da mulher ao afirmar ter visto o morto Prudêncio Aguillar, abatido dias antes pelo marido, em duelo de honra: "os mortos não saem: o que acontece é que não suportamos o peso da consciência".

No entanto, o destino é o que parece ser o grande herói do livro, ou melhor o vilão insuperável. A eterna busca desesperada onde o trágico e o drama se confundem inexoravelmente, junto aos personagens, jamais alcança o objetivo final. Seja nas trinta e duas guerras civis perdidas pelo Coronel Aureliano Buendía, seja no cinismo prostrado do Pároco, ao ver falhar a tentativa do último dos Buendía em desvendar os mistérios da sua existência e da família, junto aos arquivos oficiais, "para mim bastaria estar certo de que você e eu existimos neste momento". Não deixa de ser irônico tal frase partir de um vigário, de quem se espera no mínimo considerações de outra ordem. A engenhosidade da frase, inteligentemente concebida pelo autor, perde sua estranheza e estreiteza, quando nos apossamos do papel que representou a Igreja da Contra-Reforma, entre nós, salvaguardando sistemas virtualmente ruídos, mas que encontraram vida pródiga em nosso meio. Algo que certamente não escapou ao conhecimento de Garcia Marquez.

IV

Poderíamos agora, para concluir, voltarmos ao nosso ponto de partida, e admitir que os dois romances assimilados em seus aspectos fictícios parecem comportar valiosas colaborações à tentativa de entendimento e crítica aos valores estabelecidos e firmados ao longo da nossa história e Continente. É digno de nota, verificar que a repressão

Gabriel Garcia Márquez

cultural tem sido uma correspondente quase invariável, entre nós, e que a liberdade nada mais parece do que uma pretensão efêmera e distante. E quando falo liberdade, não me refiro somente a seu sentido político, e sim estendo-o também ao seu sentido econômico e social. Já disse certa vez, e volto a confirmar, que muito das nossas dificuldades, me parecem residir em nosso próprio desconhecimento do passado. Nossa mentalidade autoritária, preconceituosa, formadora do caráter messiânico, que nos paralisa sob uma suposta esperança, que surgirá um homem forte que irá nos levar à terra prometida, ao invés de impelir a andarmos com as próprias pernas, não vem de hoje. Somos aquilo que fazemos de nós, e não aquilo que esperamos que façam da gente, poderíamos dizer.

E nisto, certamente, é onde reside o grande mérito dos romances. São eles que nos fazem enxergar, ainda que sob uma linguagem figurada, aquilo que muitas vezes temos dificuldades de ver com os nossos próprios olhos, oferecendo a contra-partida de revelar o que somos ou o que deixamos de ser, e nos pondo à nu, em todas as nossas verdadeiras idiossincrasias e intolerâncias.

Com certeza, não será da noite para o dia que iremos dar um passo seguro e adiante do fosso em que nos metemos, em que nos meteram, mais provavelmente. Mas com certeza, qualquer caminho se tornará mais árduo, se negarmos a nós mesmos esse passo. Quem se propõe a tal e se sente livre para pensar que inicie a jornada. Talvez possamos superar o tempo perdido.

***Laurence Bittencourt Leite** é jornalista.*

# PERFIL DA MÚSICA (III)

## Uma Marca dos Tempos e das Civilizações

*Pedro Ferreira da Costa*

## A Música Medieval (a)

Muito provavelmente os cantos dos primeiros cristãos foram recolhidos dentre as mais simples e austeras melodias gregas, romanas e hebraicas sem o acompanhamento de instrumentos musicais.

Quanto aos cultores da música popular destacaram-se os **Trovadores** (homens cultos que cantavam melodias acessíveis acompanhadas em uníssono por viola, harpa ou alaúde) e os **Menestréis,** os jograis (cantores ambulantes que faziam da arte um meio de vida, levando-a de castelo em castelo e de vila em vila).

## A Música Cristã

Suas primeiras manifestações foram vocais. Podem ser sintetizadas no ACCENTUS (declamação acentuada do texto litúrgico) e no CONCENTUS (canto adornado pelas vogais).

Do accentus se desenvolveu a SALMODIA (canto declamado de um texto bíblico executado coralmente em estilo **Antifonal** (dois coros que se alternam) ou **Responsorial** (coro que dá continuidade a uma melodia iniciada por um cantor) ou **Direto** (canto solístico).

Do concentus decorreu a **Hinodia** — caracterizada por um texto não bíblico com estrutura estrófica e versificação rítmica.

São estilos provindos do oriente. De derivação Hebraica eram os cantos aleluiáticos (ou jubilações), com vocalizes prolongados. No período compreendido entre os séculos IV e VI se desencadearam os vários ritos e cantos regionais, tais como: Romano, Galicano, Ambrosiano, Mosarábico, Copto e Bizantino.

Ilário de Poitiers foi o portador da hinodia cristã oriental para o ocidente. E o bispo de Milão, Ambrósio (340-377), adotando sistematicamente as formas do canto oriental hinódico, cultivou com êxito artístico a salmodia antifônica. A partir daí, então, preocupados com a ortodoxia da doutrina e a unidade da Igreja, os pontífices ordenaram a unificação dos ritos, dos vários textos litúrgicos e do repertório de cantos. Já no final do VI século **Gregório Magno** codificou em um grande antifonário os cantos sacros a serem adotados universalmente, os quais, no futuro serão chamados "Gregorianos".

Fundada uma Schola Cantorum, foi ela o centro de difusão dos citados cantos por toda a Europa, uma vez que daí saíam os mestres que difundiam a arte, ou para aí confluíam os mestres das outras nações. Assim, nos séculos seguintes o repertório Gregoriano penetrou em todos os países do ocidente e gradualmente foi substituindo as tradições locais, incorporando, contudo, vários dos seus elementos. E com a reforma de Gregório Magno se alcança a idade áurea da música eclesiástica.

## O Canto Gregoriano

Por teoria do Gregoriano (canto-chão) se entende um sistema de classificação dos cantos litúrgicos à base de determinadas sucessões de intervalos sonos (tons ou modos), introduzido essencialmente com objetivo pedagógico, em torno de fins do VIII século, no Ocidente, na sua forma definitiva (OKTOECHOS: oito modos), e codificado num fundamento teórico, no século seguinte.

No íntimo do sistema modal gregoriano, em cuja formulação intervêm elementos da música bizantina e grega, estão as quatro escalas de quintas ascendentes, respectivamente:

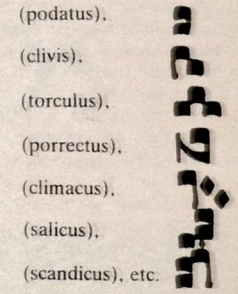
— 1ª (Protus): **ré**, mi, fá, sol, lá
— 2ª (Deuterus): **mi**, fá, sol, lá, si
— 3ª (Tritus): **fá**, sol, lá, si, dó
— 4ª (Tetrardus): **sol**, lá, si, dó, ré

A cada um desses pentacordes correspondem um **modo autêntico** e um **modo plagal** (derivado). Sua primeira nota é considerada **final,** enquanto as melodias pertencentes aos dois modos concluem-se sempre com ela.

## Notação Musical

A música litúrgica, tanto antiga quanto medieval se valia dos NEUMAS (sinais convencionais) que traziam a função de recordar aos cantores, em termos aproximativos o encaminhamento de uma melodia anteriormente apreendida de memória. Os neumas tiveram origem nos acentos gramaticais gregos e latinos, fundamentalmente no acento grave ( \ ) que indicava a descida da melodia (posteriormente tornando-se o **puncutum** ■), e no acento agudo ( / ) indicando a subida da melodia (tomando o nome de **virga** ■). Combinando-se esses dois sinais formavam-se outros de duas, três ou mais notas:

(podatus),
(clivis),
(torculus),
(porrectus),
(climacus),
(salicus),
(scandicus), etc.

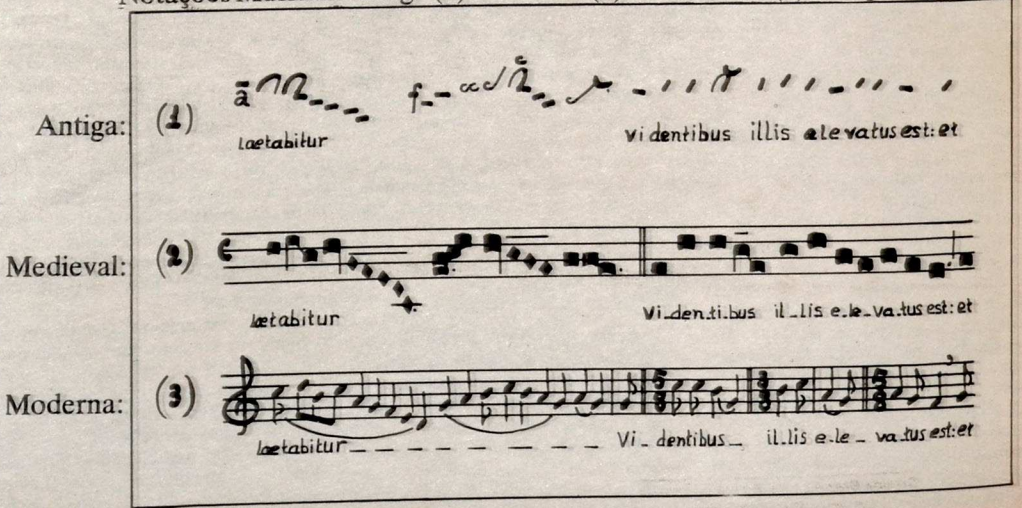


Os neumas eram colocados sobre o texto sem indicar rigorosamente a altura dos intervalos sonoros e a sua duração.

Para tentar atenuar essa imprecisão começou-se a traçar paralelamente ao texto uma linha-guia, acima e abaixo da qual assinalavam os neumas de modo a se conseguir com mais clareza a altura relativa dos sons. Mais tarde acrescentaram-se outras linhas que foram classificadas por letras do alfabeto a fim de indicar a altura (tom) de cada melodia. A introdução das quatro linhas (tetragrama) usadas no canto gregoriano é atribuída a Guido d'Arezzo (955-1050).

— Notações musicais antiga, medieval e moderna, comparativamente:

Notações Musicais Antiga (1) Medieval (2) e Moderna (3) comparativamente




**Pedro Ferreira da Costa** é regente do Coral Canto do Povo, da Fundação José Augusto.

# Gizelda Braz

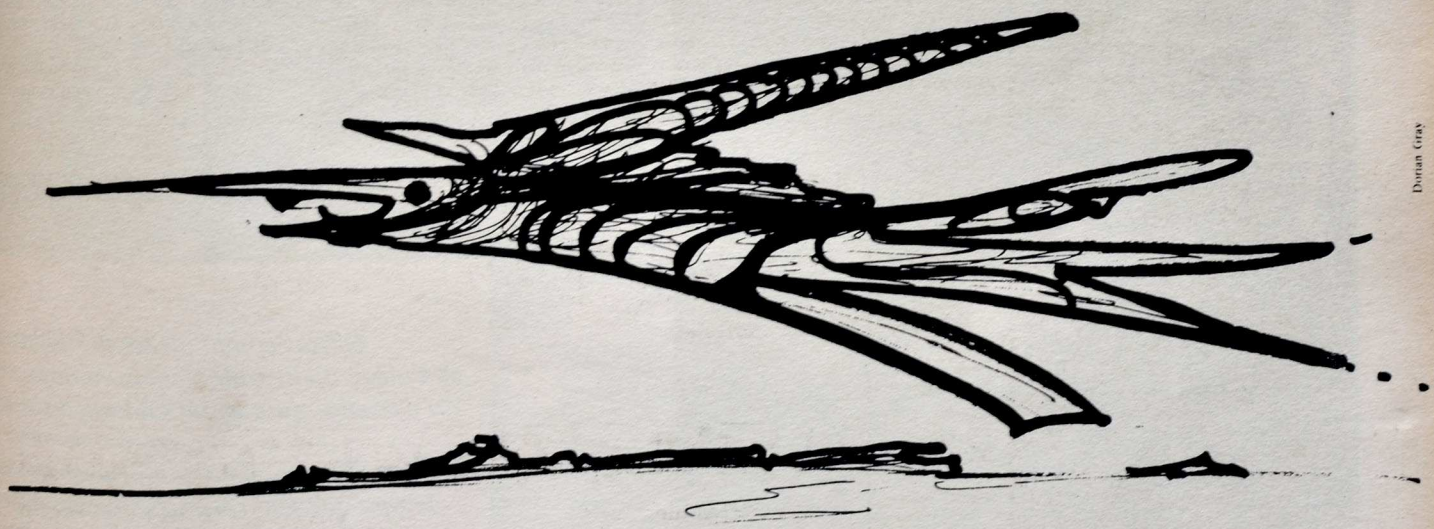
**I** *Quem foram*
*teus antepassados?*
*Que réptil emplumado*
*de que escamas*
*vieram tuas plumas*
*arqueopterígio sonho?*

**II** *E se no fóssil*
*fosses ave*
*apenas de ossos*
*frágeis*
*e não réptil*
*terias penas*
*em vez de escamas*
*terias penas.*

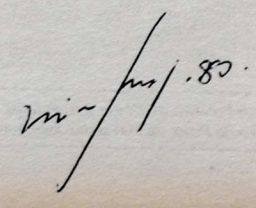
**III** *E se réptil*
*que réptil?*
*que réplica de chão*
*em ti se arrasta?*
*Se ave*
*que ave?*
*Que ares voam*
*em tuas entranhas*
*pássaras?*

**IV** *E o bico?*
*Veio de dentes.*
*Tartaruga alada*
*cujos olhos:*
*olhos d'água.*
*Cujo corpo:*
*casca solta.*

**V** *Quanto tempo*
*Levará o ictiórnis*
*para que se torne*
*voador peixe?*
*Livre do leito*
*de rios e ares*
*— rarefeito —*



Dorian Gray

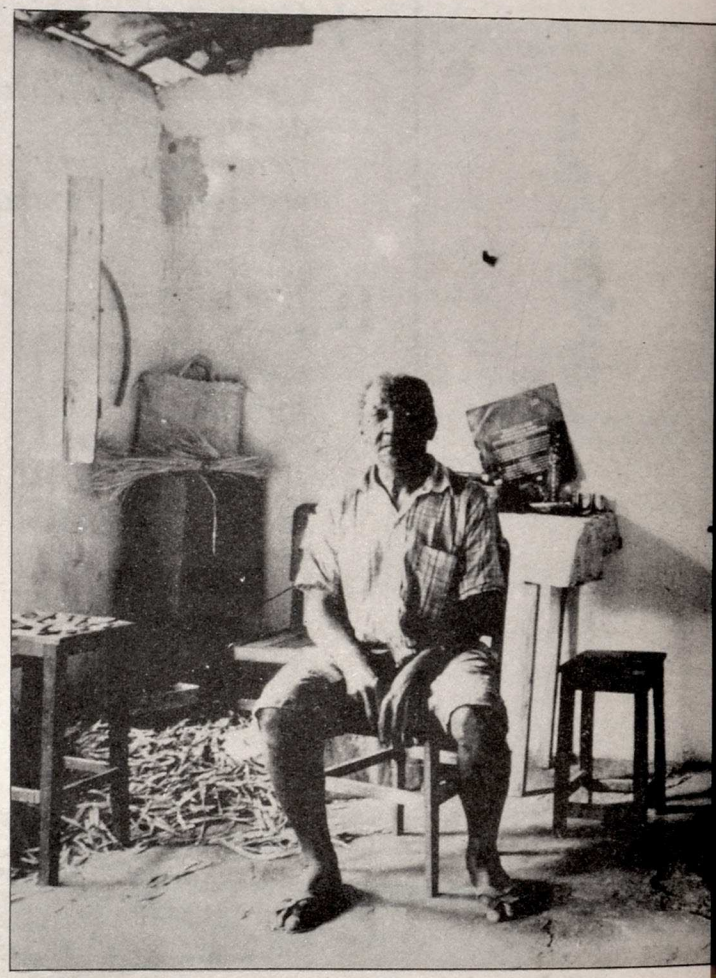


**Gizelda Braz** é poeta. Autora do livro de poemas **Riscos de Lápis**.

# Visita à Bela Vis

## (a perda do trem p

*Ensaio Fotográfico d*



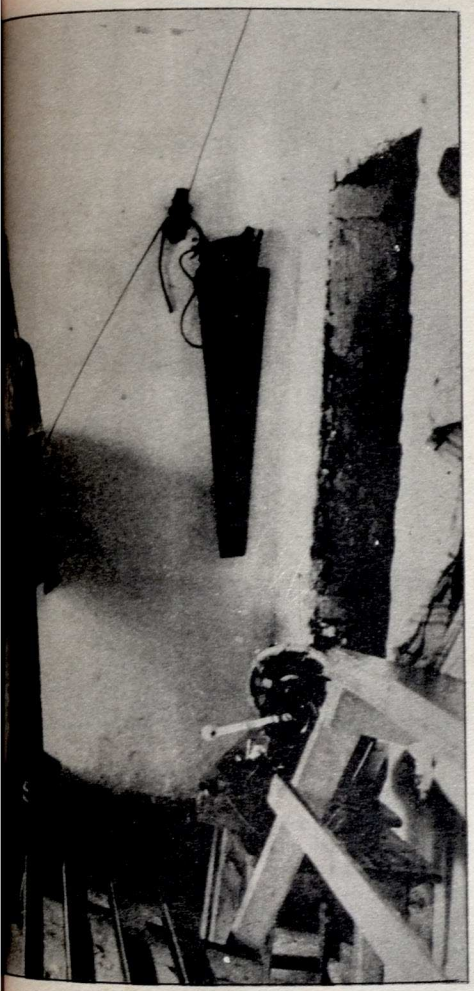
*Nessas comunidades que resistem ao t*
*realidade da hegemonia dos mortos sobre os v*
*do passado, num assincronismo assustador, vi*
*a opção de tomar o tre*
*O Claro/Escuro, o Preto e Branco de suas exis*
*tempo que tento registrar as suas imagens si*
*a outros flagrantes inconclusos, como se fosse*
*que não aprendi. Teimei em representá-la*

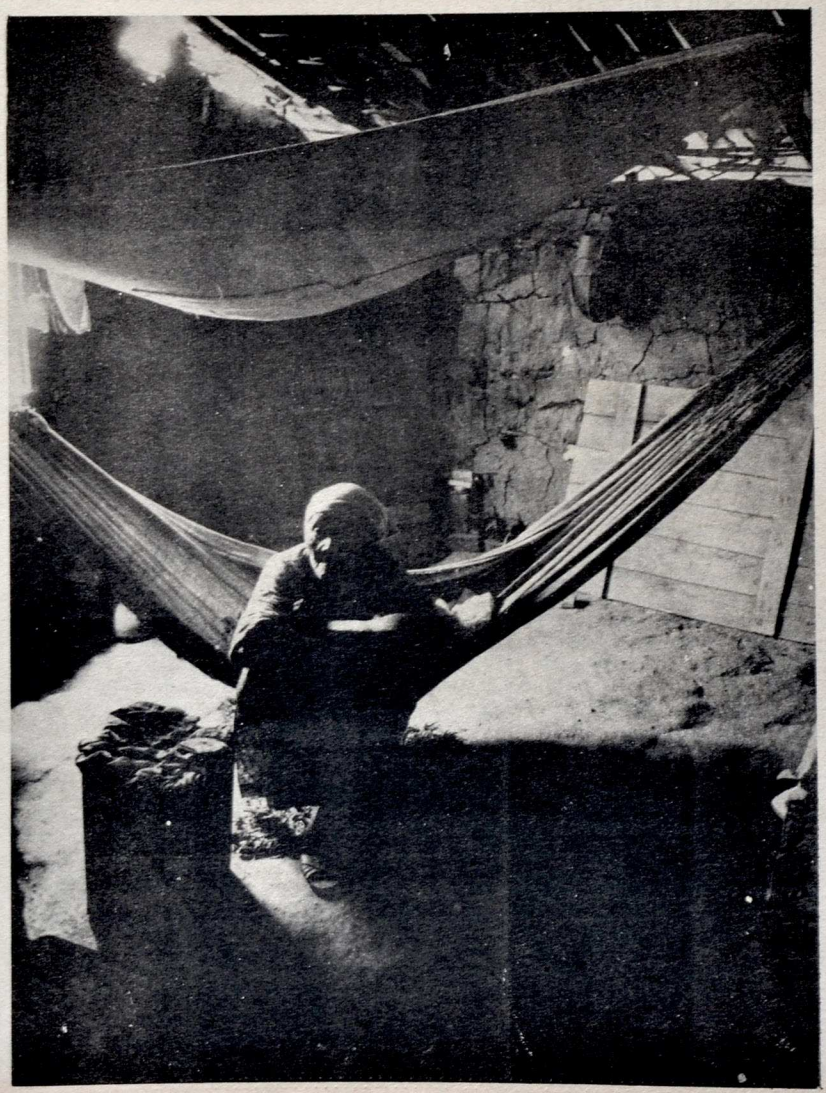
*Chico Ca*
*Maio-19*

# dos Negros

## presente)

*Canhão*





*encontramos a dura*
*seus destinos, eis a repetição*
*violentados que não tiveram*
*sente.*
*am-me impotente, ao mesmo*
*nto as suas vidas, legando*
*agem falsa de uma realidade*
*a de sonhá-la diferente.*

# A Conspiração do Real

ZANONI TADEU

## Parte I

### — Discurso do método paranóico sentimental

todos lembram o John, olhando as nuvens de um céu cinzento de metrópole e achando bom. Um ser domesticado. Transcendeu a certos procedimentos orais e subcutâneos da cultura do sonho — que ele lucidamente viu acabar — (OVER). E o que resta a um ser domesticado, domado pelo fígado — órgão do sentimento? — tomar a injeção de incertezas aplicada pela real idade corrente, que transforma a visão selvagem em um vídeo clip sensual ao vivo — multifragmentado, a-estilístico, ao modo de um cinema no admirável mundo novo. Em contraposição à sua visão unívoca do fantástico retilíneo, o ser domesticado terá agora flashes ao vivo das atividades metafísicas da realidade (sem o menor estilo); bolsa de valores, polícia política, sexo sacanagem & ciência. E a incerteza intra-venosa não é apenas um teste de múltipla escolha para o qual se encontra alguma dificuldade em "xisar" uma resposta razoável — É sim o domínio infinito da visão relativística total — aquele olhar pelo canto do olho (furtive glance) em direção ao **furículo** do universo o qual nos revela a nós mesmos em uma extrema semelhança com as bactérias do nosso próprio intestino GROSSO.

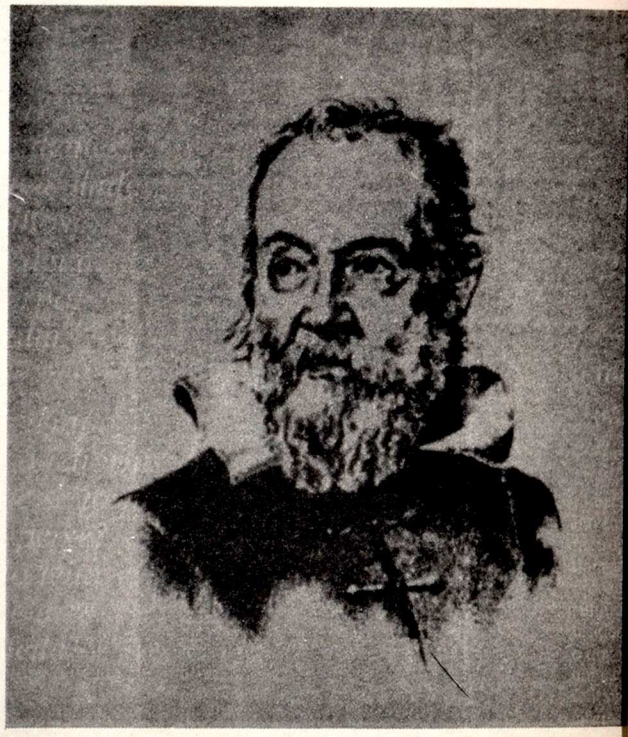
Um ex-selvagem assim alucinadamente integral quer agora um satori eletrônico instantâneo, comprado barato em um super-mercado para distribuir com os amigos: serenamente. Tem seus brinquedos **eletrônics** — a consciência clara e os poros abertos por onde passam ondas de alta energia; únicos mensageiros de resquícios de uma visão fantástica que de nenhum modo pode mais ser revisitada em sua plenitude.

Estas ondas que preenchem todo o espaço e seu corpo-mente não fazem parte da cultura do sonho mas são a argamassa da cultura de massas; o sonho coletivo dilacerado — disseminado por uma tela-túnel do tempo-espaço-realidade na qual tudo é possível e lhe chega aos olhos em uma velocidade desconcertante, sobrelevando cacoetes, macetes certezas íntimas e coletivas culturas psicoses leis sociais e tudo o mais. Um fascinante-mórbido mecanismo metafísico (este tal capitalismo) onde a realidade geral pode ser criada, gravada reproduzida apressada retardada e finalmente simplesmente displicentemente apagada.

## Parte II

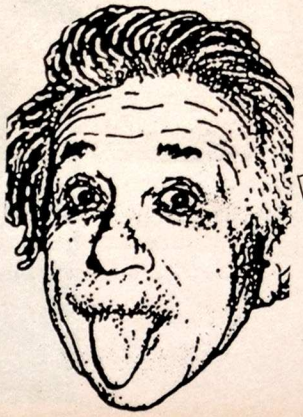
### — Discurso do método paranóico-dedutivo

entretanto a inquisição italiana não foi tão inexoravelmente cruel cruel com Galileu, como quer em vão a maioria dos nossos vãos livros didáticos. Na verdade, a igreja na pessoa do cardeal cientista Roberto Belarmino, ofereceu uma "saída" estratégico-metodológica a Galileu; consistia tal, em que ele admitisse que suas afirmações sobre o movimento da terra (em torno do sol) — EPPUR SI MUOVE — seriam apenas uma maneira "didática" de explicar a teoria heliocêntrica de Copérnico; um artifício teórico, esse tal movimento da terra, para que as coisas de interesse da ciência e da sociedade funcionassem mais perfeitamente, (Ver calendário encomendado a Copérnico pela igreja). A concepção de que o sol seria o centro do universo (e a terra, como os outros planetas, se moveriam em torno dele) poderia ser encarada, segundo o cardeal, não como a realidade objetiva da natureza mas apenas como um modelo teórico consistente com as observações.



GALILEU NÃO ACEITOU

Aceitar esta proposta significava para ele descaracterizar a ciência como uma descrição do **real** — como a busca das essências por trás das aparências.
Ironicamente veremos que, em termos científicos a proposta da inquisição prevaleceu sobre visão de ciência de Galileu.
Desde Galileu até fins do século dezenove, esta relação da ciência física com a "realidade" cotidiana (reali verbal) foi sempre desejada até m considerada como requisito de aceitabilidade de uma teoria. Ent física destes tempos estava densam povoada de *eteres*, *eflúvios*, fluídos invisíveis, e outras idéias m cotadas que tentavam de todo mo inserir uma teoria dentro do dom do verbal e do bom senso.



*"Bom senso é um preconceito que se tem at aos dezoito anos de idade*

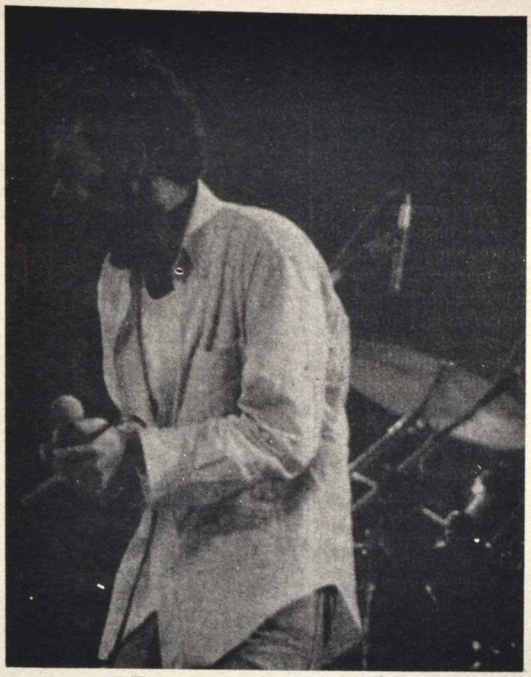
A. Einstein

A tentativa de descrever coisas e fenômenos é sempre de relacioná-los com coisas ou fatos mais fundamentais do que os tais a serem descritos. Daí a impossibilidade de definições verbais para conceitos fundamentais como tempo e espaço campo=(espaço curvo). Mas um certo dia surgiram o eletromagnetismo, a relatividade e a mecânica quântica onde esta relação entre a teoria e o bom senso verbal foi tendo, desde um leve desprezo até um abandono total. Não interessa muito como o mundo funciona objetivamente desde que a teoria tenha coerência; a realidade "sub-atômica" "É" apenas relações matemáticas e efeitos experimentais. O que é um elétron, o que é um quark,soa para um cientista do mesmo modo que soa para um telespectador a pergunta: A imagem de um deputado ,é um deputado? E agora Galileu?
Na verdade quem foi cruel com Galileu foi a história e não a inquisição. (o que por sinal é um costume muito feio que a história tem).
A partir de hoje, mass mídia* séc. XX o real deixa de ser uma contraposição do imaginário — A Imagem é o veículo do REAL "para transmitir o nosso som a nossa luz, nossa hora". Descartes GO HOME.
Deste modo conclui-se que a metodologia de Belarmino (na qual o mundo real (utilizável) é apenas o resultado das construções lógicas e elocubrações metafísicas particulares) é o procedimento predominante na ciência moderna. A inquisição venceu, senhoras e Srs.

# Parte III

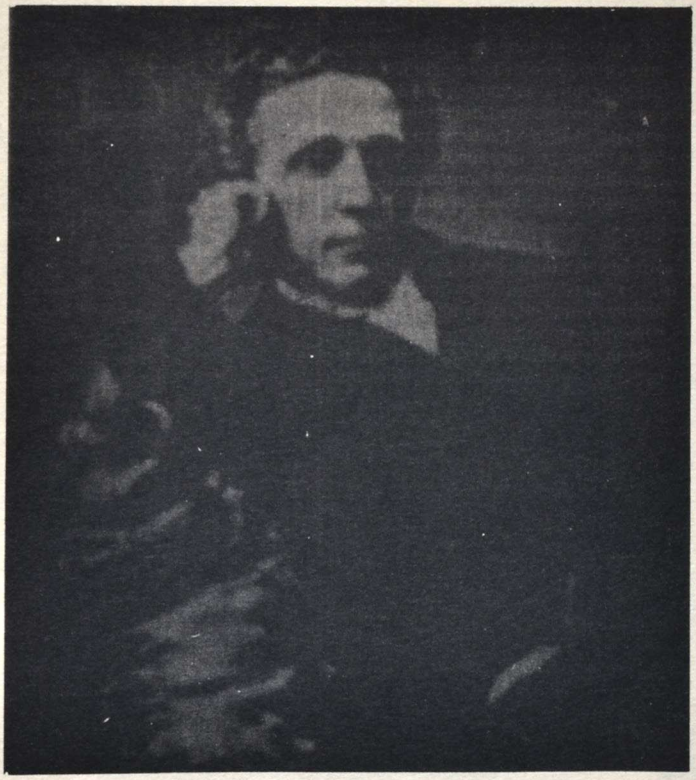
## — Alguns conceitos úteis ao exercício da realidade cotidiana

**TEMPO** — absoluto e imutável para KANT. Se constituiu no objeto da grande revolução científica do Séc. Para EINSTEIN o tempo é relativo, ou seja, passa diferentemente para observadores diferentes.



*"Temos nosso próprio tempo"*
Renato Russo.

"$t = \sqrt{-1}$" **Hawking**



*"Será que nos comportamos como se o futuro já tivesse acontecido?"*

Elí Celso da Silveira

**ELÉTRON:** eminência parda de toda a revolução eletro-eletrônica do nosso SÉC. XX. O elétron pode ser considerado como partícula, num outro "approach" é uma onda (energia), mas na verdade na verdade, **funciona** muito melhor como uma equação probabilística de quatro dimensões.

**ONDAS ELETROMAGNÉTICAS:** perturbações energéticas formadas por dois vetores; campo elétrico e campo magnético oscilantes, que se propagam pelo espaço vazio ou não.
Transmitem de tudo: imagens, sons, cochichos, relinchos, fotos, saudades e decretos.

**CAMPO:** é o espaço curvo.

*"Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu conheço — disse o chapeleiro — não falaria em gastá-lo como se ele fosse uma coisa. Ele é alguém. — Não sei o que você quer dizer — respondeu Alice"*

Lewis Carroll

***Zanoni Tadeu** é professor de Física.*

# 13 de Maio. Até quando?

*Joab Antônio da Silva*

Treze de maio, uma mentira cívica como muitas outras que povoam a falsa história ensinada aos brasileiros; mais um mito entre os muitos existentes, destinado a perpetuar uma benevolente dos opressores; mais um vil engodo para amortecer a tomada de consciência e a luta do negro brasileiro.

Decorridos 101 anos de sancionada a "LEI ÁUREA", os Afro-brasileiros permanecem, em sua absoluta maioria, excluídos do processo sócio-econômico e privados do direito a uma identidade de cidadão pleno. Isto porque, como hoje, jamais a Legislação de caráter social, sempre elaborada sob o prisma das elites dominantes, etnocentristas e oportunistas, está concretamente voltada para as suas vertentes humanas que construíram e continuam a construir nosso país, com o suor, sangue, lágrimas e muitas frustrações; são os oprimidos, trabalhadores, mulheres, índios e principalmente os negros; são as vítimas perenes da aplicação do código penal e de toda legislação repressiva; são os raramente beneficiados com qualquer dos mecanismos constitucionais de garantia e integração social, dispostos na Carta Magna, fria neste sentido.

Portanto, é evidente o sentido manipulador de todas essas leis que nos tentam apresentar como presentes, bem como está aí implícita a intenção de emitir as reais necessidades e aspirações de profundas transformações que necessitam a nação brasileira para viabilizar meios efetivos que tirem da marginalidade a maioria do povo. Vejamos:

O processo abolicionista, na totalidade de suas leis (tráfico, sexagenário, ventre livre e áurea), não teve outra função senão a de neutralizar a revolta, a luta e a incessante organização do negro, que, mesmo tendo suas repúblicas (os inúmeros quilombos) violentamente massacrados, jamais deixaram de lutar contra a anti-humana ordem escravocrata, nunca perderam a perspectiva de conquistar sua liberdades, configuradas no direito ao trabalho e ao seu produto, numa existência humanamente digna, no cultivo de seus próprios valores e referenciais, sem serem molestados por isso. Em essência, concluímos que a campanha pela abolição consistiu num modo indecente, deslavado, encontrado pelas elites dominantes para manter sob controle o avanço das próprias conquistas realizadas pelo negro, o que representava uma ameaça aos seus privilégios e ao seu hegemonismo ideológico. De fato, não derivou daí nenhum instrumento civil legítimo, que amparasse o negro enquanto indivíduo e enquanto cidadão.

E hoje, como se dá essa manipulação? Para ilustrar como um fato atual, temos o exemplo da campanha pelas eleições diretas para Presidente da República, onde milhões de pessoas acreditando na possibilidade de aplacarem a intensa ordem de opressão e miséria vigente, lançam-se às ruas, buscando resgatar um direito primário, mas fundamental: a eleição de seu próprio presidente, de forma livre, sem restrições. Este direito lhes é negado, inclusive com o engodo de muitos que afirmavam estarem a seu lado; a revolta, surda de início, e ressonante depois, cresce, e para amortecê-la acena o Estado com uma nova dádiva, o emendão, votado em maio de 1985, o qual sendo mais uma invenção exclusiva da aliança oportunista e burguesa atual, traz embutida, sobretudo a garantia de predomínio e continuidade de seus interesses. Reforma agrária, redução da jornada de trabalho para gerar mais emprego, fim das perseguições aos trabalhadores ambulantes, estatização dos transportes, do ensino e da saúde, controle dos lucros remetido ao exterior, fim dos instrumentos repressores e inibidores, das organizações trabalhadoras e do conto da dívida externa, eram temas proibidos, ou condenados a uma longa espera, até que a "Nova República" elaborou um contraprojeto com consonância com seus interesses que foi apresentado com um forte aparato de propaganda, como se fosse uma oferenda do governo para o povo. Esta é e tem sido sempre a forma tradicional de relação ESTADO X NAÇÃO, o resto é pura ficção.

Prova do que expomos, são as incessantes lutas das organizações populares; os trabalhadores e os setores específicos mesmo vítimas de golpes e manobras permanecem ativos. E nós que fazemos movimento negro, quer por meio dos terreiros de camdomblé, dos maracatus, dos afoxés, escolas de samba, da dança, da música, etc., estamos presentes e continuaremos vivos, resistindo, exigindo respeito, firmando-nos cada vez mais como referencial, clamando liberdade, buscando uma forma de pôr fim ao sub-emprego, mostrarmos as condições de vida dos favelados, lutar contra a discriminação racial que se faz presente até nos chavões e brincadeiras depreciativas, lutar contra a omissão das origens, reverendar os heróis negros e os valores não apresentados pela historiografia oficial, combateremos a tentativa de destruição da identidade negra que estão presentes desde as restrições impostas na admissão e na ascensão aos empregos, e não permitiremos que a total irrealidade continue no que concerne a educação. E aí está refletida a situação que hoje enfrentamos pela herança deixada pela abolição.

É essa a liberdade que nos foi proporcionada pela Lei Áurea? Fome, desemprego e mendicância é liberdade? Neste 13 de maio, a única coisa que temos a lembrar e a reforçar é a necessidade de unirmo-nos e iniciarmos a batalha rumo à conquista de nossa liberdade, por nós mesmos, sem agradecimentos a ninguém por tudo que não temos.

Logo, a Princesa Isabel, a 13 de maio de 1888, por estar sendo pressionada pelos movimentos abolicionistas e os setores progressistas da sociedade brasileira, sanciona a lei que aboliu a escravidão no país. E esta data, que para nós nada representa, a não ser como o "DIA NACIONAL DA DENÚNCIA CONTRA O RACISMO".

AXÉ.

Chico Canhão

***Joab Antônio** é membro do Movimento Negro de Natal.*

*Vulcão* **ARENAL**. *Costa Rica.*

# Costa Rica:

## Centro Internacional do Ecoturismo

*Márcia Monteiro*

Para muitos brasileiros a América Central é apenas uma parte de terra que une a América do Norte a do Sul, além de ser uma área pontilhada de guerrilhas e sacudida por terremotos. Mas, os países do istmo oferecem surpresas, especialmente uma pérola situada entre a Nicarágua e Panamá: Costa Rica.

Quando Cristóvão Colombo fez sua quarta e última viagem em 1502, descobriu a Costa Rica, denominando-a assim, pois pensava que atingira um território rico em ouro e prata. Na realidade a riqueza era outra. A "Suíça das Américas" é um país diferente, que aboliu seu exército em 1948, sendo banhada pelos Oceanos Pacífico e Atlântico, além de ser constituída por sete províncias: Alajuela, Cartago, Heredia, Guacaste, Puerto Limón, Puntareñas e San José, onde está situada a capital.

Para nós que vivemos em um país de dimensões continentais, Costa Rica com seus 51.900 $Km^2$ de área, menor que o Estado do Rio Grande do Norte (53.015 $Km^2$), possui um território muito restrito. A população é constituída de dois milhões e setecentos mil habitantes, sendo que duzentos e trinta mil "ticos" (denominação carinhosa para os costarriquenhos), estão concentrados na capital. O clima apresenta-se, em certas áreas, equatorial, e em outras, tropical. Os principais produtos produzidos pelo país são: banana, abacaxi, café e cana-de-açúcar.

San José está situada a 1.160 metros de altitude, no coração do Vale Central, com temperatura média anual de 22° C. Trata-se de uma cidade agradável, com seus museus, teatros, bons restaurantes, bares (destaque especial para "La Esmeralda", que não fecha), e hospedagem para todos os bolsos e gostos. San José não possui traços marcantes, é apenas uma cidade com todas as funções e características de qualquer aglomerado urbano. Na realidade, o grande número de turistas que chega ao país não visita Costa Rica pelo desejo de conhecer sua capital.

Costa Rica é um país visitado, principalmente, por cientistas, naturalistas, pessoas que amam, estudam e trabalham pela defesa do patrimônio ambiental. O fluxo turístico da Costa Rica é constituído por "ecoturistas" norte-americanos que se deliciam nos Parques Nacionais. A oferta turística do país é constituída basicamente pelos recursos naturais.

O país possui 29 Parques Nacionais que fazem parte do Sistema de Parques Nacionais e Reserva Equivalente Costarriquenha, que correspondem, aproximadamente, a 525.000 hectares, quase 10,3% do território nacional. Nesses parques são encontradas grande parte das belezas que atraem os turistas: florestas tropicais preservadas, cavernas, rios com águas cristalinas, fontes termais, vulcões, gêisers (fontes de águas quentes, com erupções periódicas), praias, dentre outras. O mais interessante é que esses parques contam com real e efetiva ajuda do governo e uma certa estrutura de vigilância. É importante ressaltar o fato de que esse trabalho de preservação tem contribuído fortemente para a conscientização da população em relação aos seus tesouros ecológicos. Nesses parques são encontradas, aproximadamente, 12.000 variedades de plantas (dentre elas, 1.200 espécies de orquídeas nativas), 237 espécies de mamíferos, 848 tipos de pássaros e 361 diferentes anfíbios e répteis, os quais são nativos do país.

Apesar de pequeno, o país oferece uma variedade de passeios. Se você visitar o litoral banhado pelo Atlântico, encontrará em Cahuita e Puerto Viejo (povoações próximas a Puerto Limón, capital da província do mesmo nome), praias com vastos coqueirais, além de pequenas comunidades constituídas por negros oriundos do Haiti e Jamaica, conhecidos como "rastas", que falam predominantemente o inglês. Quanto mais se aproximar da fronteira com o Panamá, as praias tornam-se cada vez mais desertas. Existe uma grande semelhança das praias dessa região com as do litoral nordestino do Brasil. Nessa costa, é muito praticada a pesca desportiva.

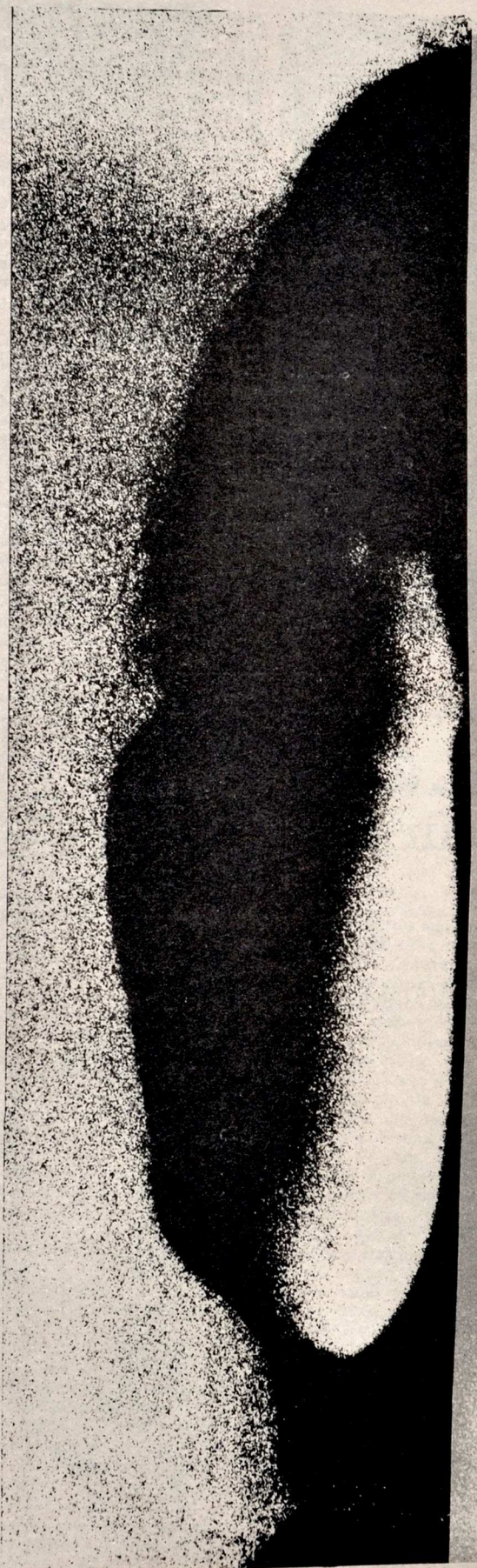
Quanto às áreas banhadas pelo Pacífico, a que mais se destaca é a província de Puntareñas com suas belas praias, onde também é praticada a pesca desportiva. Além disso, existem muitas ilhas para serem visitadas, especialmente no Golfo de Nicoya, entre elas: Ilha Tortuga, San Lucas; Gilana, Jesusita, Negritos e Cedros.

Ao norte do país, quase fronteira com a Nicarágua, está localizada a província de Gunacaste com seu clima quente e poucas chuvas, cuja capital chama-se Libéria, a "Cidade Branca", denominação devido a cidade ter sido construída sobre terras brancas de origem vulcânica. Distante a 234 Km de San José, esta região possui cinco parques nacionais, entre eles, o "Rincón de La Vieja", com 14.083 hectares, formado pelo vulcão de mesmo nome e outras áreas de interesse turístico como "Las Pailas" e "Las Hornillas", formadas por fontes termais. Na área conhecida por "Las Pailas", o turista pode visitar os gêisers, pequenos vulcões, terrenos minados de enxofre. É onde você pode retirar uma porção de lama desses pequenos vulcões, esperar esfriar e tomar banho com a mesma, no próprio local. Segundo informações do guia, é um verdadeiro tratamento de rejuvenescimento. Depois disso, se banhe nas fontes termais existentes na área e agradeça a Deus por existir e poder vivenciar tanta beleza. Nesta região, o turista pode se hospedar no Albergue "Rincón de la Vieja", distante 25 Km da Libéria, localizado próximo ao Parque Nacional de mesmo nome. É interessante informar que do Albergue até as áreas mais fantásticas do Parque, o trajeto é feito unicamente à cavalo, treinado para caminhar em montanhas e conduzir visitantes que nunca cavalgaram (o nosso caso). O preço desses passeios varia de U$ 60,00 a 100,00, dependendo do número de dias e de pessoas que vão participar dos passeios (descontos especiais para alberguistas).

Além desses passeios, Costa Rica oferece muitas outras opções, como expedições em balsas pelas corredeiras do Rio Reventazón, viagens de trem pela selva, visita aos jardins de orquídeas no Vale do Orosi, dentre outros.

Enfim, podemos dizer que a riqueza da Costa Rica consiste não apenas nas inúmeras opções de "ecoturismo" e turismo de aventura, mas em todo o aprendizado que se obtém através de uma visita a esse país, que apesar de tão pequeno, constitui um exemplo a ser seguido na área da preservação ambiental. Nesse momento, vale a pena lembrar que dimensões continentais não é o mais importante!

***Márcia Monteiro de Carvalho*** *é arquiteta e Presidente da Associação Potiguar de Albergues da Juventude.*



Amadeu Baptista

*Valéria Braz da Costa*

## *SHADE OF BLUE*

*Me acomodo e digo:*
*Deixa sangrar.*
*A dor desse poema não se desperdiça*
*E não é pelo teu corpo, não,*
*É por mim sozinha e sempre*
*— essa vitória desconfiada —*
*Como quem abandona o blues, eu canto:*
*Agora me deixa,*
*Deixa*
*Sangrar.*

## *TRÊS*

*I*

*palavras passam de palavras. sim. nesse dia de chuva e frio, simples solidão, invisto em palavras e que elas me sejam solução.*

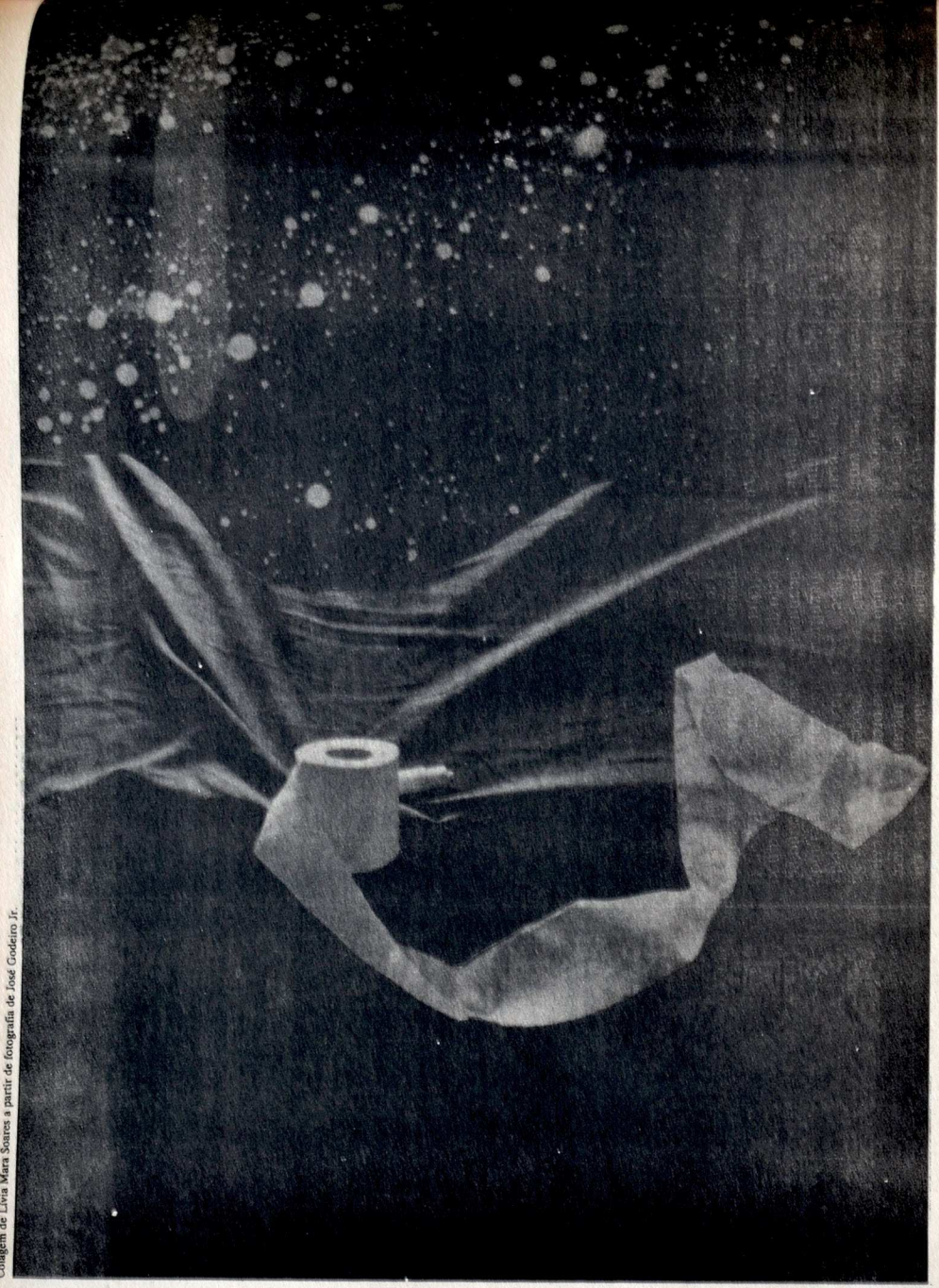
*II*

*se você que não sei que não sabe chegasse mesmo fio de voz num telefone alguma coisa me aconteceria.*

*III*

*em três linhas peço mais três linhas*
*três lindas caras vozes novidades que*
*me impeçam de fugir.*

***Valéria Braz da Costa** é poeta, estudante de Letras da UFRJ. Não tem livro publicado.*



Colagem de Lívia Mara Soares a partir de fotografia de José Godeiro Jr.

# PRECIPÍCIO PRINCIPAL

"heart and soul: one will born"
Joy Division

*Lívia Mara Soares*

*... esses homens que pensam ser homens,*
*só porque um dia escreveram poemas a seu Deus,*
*e atravessam a rua sem olhar para os lados,*
*ignorando a fúria do Povo Pequeno,*
*ignorando a miopia da Ciência,*
*ignorando o aviso dos Signos...*
*essas mulheres cujos úteros não vingam,*
*ou produzem imbecis a toque de caixa,*
*ou gozam babando diante de espelhos,*
*ou passam a vida se contentando com cócegas,*
*no fundo anseiam pelo encontro com Aquele*
*que as fará sangrar e chorar e peidar e pedir mais...*
*(eles e elas foram um dia meninos e meninas,*
*embora não estivessem tão certos sobre quem era quem:*
*era complicado dar às coisas os seus Nomes,*
*era difícil enxergar em meio à tempestade,*
*era penoso engolir em pedaços o Real,*
*para que o Real coubesse em suas vidinhas...)*
*... então, ame as mulheres e sinta a punhalada pelas costas,*
*ame os homens e sinta a vertigem sem pára-quedas,*
*sinta-se parte da humanidade até afundar na vergonha,*
*mas o inimigo não deixa de seduzir pela decadência,*
*nem a esperança deixa de insistir como um vício,*
*nem o exagero da cópula satisfaz a engrenagem...*
*por que não é possível atingir certas pessoas?*
*por que certos fracassos se revestem de nobreza?*
*por que certa nobreza não admite réplica?*
*por que nos debatemos entre esfinges submersas?*
*por que tantas perguntas continuam a doer?*
*por que os deuses fogem, quando um de nós grita alto demais?*

**Lívia Mara Soares** é poeta, escritora e estudante de Letras da UFRN. Não tem livro publicado.

# Conversando sobre Arte-Educação e Temas Afins (2)

*Publicamos agora a segunda parte do debate que promovemos em abril, com arte-educadores pernambucanos, após o Encontro "Fazendo Arte", acontecido no recinto da Fundação José Augusto. Participaram deste encontro pós-Encontro: este Redator, os Professores Jomard Muniz de Britto (que foi o Orientador do Encontro "Fazendo Arte"), Zélito de Oliveira Passavante (ministrou as Oficinas de Criatividade em Artes Plásticas), João Denys Araújo Leite (ministrou as Oficinas de Criatividade em Artes Cênicas) e Rinaldo José da Silva (ministrou as Oficinas de Criatividade em Arte Postal), além do artista plástico Falves Silva. No número anterior d'O Galo, debateu-se sobre o sexo da criança, sobre a liberdade da criança na escola, sobre a repressão que se faz à criança etc. Concluímos agora a publicação deste bate-papo, trazendo mais outros aspectos do assunto* **criança** *que foram ventilados. Como por exemplo: a criança e a televisão, a criança e os brinquedos padronizados das fábricas monopolizadoras, a criança e a evolução dos livros pedagógicos. Complementarmente, ainda se discutiu outros temas pertinentes à atualidade, destacando-se: o ensino da Vanguarda nas escolas, a diferença entre Dialética e Dualismo, e a caducidade das Vanguardas que se impõem através de programas, manifestos etc. Pedimos desculpas ao Professor Zélito de Oliveira Passavante pela falha na publicação das frases intertextuais, no número anterior, onde o seu nome apareceu trocado para Zélito Viana — na certa, uma recorrência irrecusável na memória, do nome do produtor do filme "Menino de Engenho".*

*Anchieta Fernandes*

ANCHIETA: Você falou em propaganda de televisão que utiliza crianças nuas. Pergunto: a televisão educa ou deseduca. E é um veículo de arte ou de não-arte?

RINALDO: Eu acho que a televisão, hoje em dia ela cumpre as duas funções, de arte e de não-arte.

DENYS: De educação e de não-educação.

RINALDO: Agora a pessoa, o telespectador, a gente também tem que formar a criança, o jovem e até o adulto para ele saber perceber aquilo que está educando e o que não está educando, o que está formando e o que não está formando, o que é massa e o que não é massa, o que é informação sadia, nova, que vai ser útil. Então, a televisão hoje em dia, ela está ali, você pode ligar ou desligar, mudar de canal. Tem diversos canais, diversas informações. A pessoa é que tem que procurar as boas informações.

ANCHIETA: Eu acho que a característica da linguagem da televisão é justamente isso, é ter uma série de mensagens múltiplas que podem educar ou deseducar ao mesmo tempo.

FALVES: Eu acho que a televisão, como função artística, ainda vai demorar um pouco para chegar lá. Porque a televisão, de uma certa maneira, ela é, além de abrangente, um pouco vulgar. A coisa que ela transmite é muito vulgar, precisa que você tenha um teor de informação muito grande para absorver o que é que ela tem de bom. Porque ela não transmite só coisas ruins, ela transmite também coisas boas. Mas, essa coisa de reproduzir... o que ela reproduz... na sua maioria são coisas obsoletas. Se bem que a criança consome muito televisão, a criança consome então muitas coisas obsoletas. Isso é um propósito da televisão, isso é um propósito dos donos do poder... É a tal coisa...

DENYS: Mas eu acho que ela invade nossa intimidade. Ela é uma invasora de nossa intimidade.

RINALDO: Mas tem coisas boas também. Hoje em dia surgiu um fator novo em televisão, que é importantíssimo, que é o vídeo. Hoje em dia, com o vídeo, o vídeo-arte... qualquer pessoa pode fazer um filme, certo? E veicular isto na televisão. E quando estes vídeos, que a criança vai fazer em casa, puderem ser reproduzidos em equipe, quer dizer, com a outra criança, aí é que a televisão vai ficar ainda mais próxima da pessoa. Porque o problema que muitas vezes eu percebo na televisão... primeiro, porque é uma imagem. Então, fica já distante. E também, de uma outra cultura, não é? Então, quando você tem um programa, que é uma imagem, de uma outra cultura, que não tem nada a ver com você, muitas vezes você não consegue fazer a ligação, de realidade.

FALVES: É. O grande perigo da televisão é que é imagem, exatamente isso. Porque a imagem, ela vai dar uma outra dimensão. Você vai começar a investigar uma série de coisas, receber uma série de informações, e que você poderá distorcer essas informações, a criança poderá distorcer essas informações. Quer dizer: recebe uma gama de informações, e arquiva essas informações, e poderá distorcer. Ao passo que se ela for mais bem dirigida, a criança poderá ter um proveito melhor, não é? Não só a criança como o adulto.

RINALDO: Eu lembro que quando eu era criança, assistia o programa 'Vila Sésamo' (hoje em dia é o programa da Xuxa). Em 'Vila Sésamo' tinha muitas atividades que eram interessantíssimas, certo? Tinha teatro de sombras. Tinha teatro de mãos. Tinha os desenhos, que não eram massificados, que aguçavam mais a criação da criança, em casa mesmo. Então, a televisão educava, e hoje em dia ela só passa...

FALVES: Como tudo o que acontece aqui neste país, não se sabe até porque este programa terminou, que era muito bom, o 'Vila Sésamo'..."

ZÉLITO: Acho que a base da gente ter que compreender TV, acho que é compreender também o que desaparece e o que não desaparece. Acho que a base desta TV, ela está dentro de uma relação de poder. Relação de poder, de massificação. E de um mínimo de informação e do máximo de 'informação' superficial. Eu acho que o que falta da parte da gente, que luta no sentido de alterar esta realidade (e 'Vila Sésamo', num certo sentido, num certo momento, cumpriu um certo papel), e a gente passar também o máximo de conhecimento para a criança. Eu acho que é esta contradição que a gente vive, e que precisa ser enfrentada com clareza; enfrentar a contradição. Que a pró-

ria TV também tem que às vezes passar informações boas. Porque ela não consegue só passar informações do ponto de vista negativo, ruim. Ela também tem que passar coisas boas. Forçada pela própria contradição que ela vive. Então, o que acho que é importante ser levantado, é a questão de você se confrontar objetivamente com ela, mas não no sentido de negá-la. Mas sim no sentido de absorver o que está de melhor nela, e discutir. Porque é impossível isso que o Rinaldo falou — 'quem assiste, desligue' —, isso é papo furado. Num certo sentido, já existe de forma objetiva a necessidade da TV. Ela não é uma coisa que a gente desliga quando quer.

FALVES: Ela já faz parte da família.

ZÉLITO: Num certo sentido, a gente não desliga, a gente absorve o tempo todo, é uma realidade inconsciente, coletiva.

JOMARD: É. E isso, como você está dizendo, faz parte de todo um esquema de poder. E eu diria: você não pode compreender a televisão sem compreender o problema da indústria cultural. Ou seja: em termos de arte ou não arte, surje este dado novo. Que a gente associou durante muitos séculos a arte com a coisa do artesanato, dos objetos artesanais, com a obra de arte única. E com a televisão tem um fenômeno novo. Aliás, não é só a televisão, é o cinema também, que veio antes. E o problema da indústria cultural e a tendência da indústria cultural é o nivelamento pela média. É muito difícil dentro da indústria cultural, você fazer uma indústria cultural experimental. Quer dizer: tem canais livres, programas excepcionais. Agora, o Décio Pignatari, que também é professor e educador, no livro dele "Signagem da Televisão", ele dá como alternativa — a gente retorna com isso ao tema da formação cultural — é aproveitar, na televisão, os programas que são mais assistidos e debatê-los em sala de aula. Você não pode fugir da realidade. Então, se os nossos alunos assistem muito televisão, então a gente, para conseguir um diálogo com eles tem que enfrentar esse fator televisão.

DENYS: Eu acho que nós adultos gastamos o tempo todo discutindo o porquê da Xuxa. O que diabo tem a Xuxa?... O que é que a Xuxa tem, que atinge o menino da favela e atinge o menino da cobertura. Ela vai do abismo de Jomard até às nuvens não sei de quem.

FALVES: Às nuvens de Anchieta (rindo).

DENYS: Às nuvens de Anchieta... Tá entendendo, Anchieta?... Tem outra coisa: a televisão brasileira tem um nível técnico muito bom.

JOMARD: A Globo é considerada uma das maiores do mundo, em nível de qualidade técnica.

DENYS: E na Espanha... você vê... é um horror! Tem um produto muito bom que é mal conduzido. Por exemplo: você fica diante da TV para ver um concerto. É um horror assistir um concerto na televisão espanhola. Você senta diante da televisão como se estivesse no teatro. A câmera parada, e o concerto rolando. No máximo, o manejador da câmera faz aproximar a imagem ou afastar a imagem. É uma coisa de louco! A qualidade do que está sendo mostrado é muito boa, agora a maneira de mostrar esta qualidade é que é péssima. Tem essas incongruências, está entendendo?

ANCHIETA: Já que se falou em Xuxa, vou fazer uma pergunta relacionada a ela: é negativo as indústrias de brinquedos criarem bonecas que representam ela?

DENYS: Não acho que seja não...

JOMARD: Bonecas falando para o mundo!...

DENYS: Claro! O mundo todo sempre foi assim. Você sempre produziu Totem daquele que lhe domina, ou daquele que é alvo de sua perplexidade.

JOMARD: Do seu fascínio...

DENYS: Da sua sedução. Então, você sente necessidade de ter o falo perto de você, e o falo é Xuxa.

JOMARD: O falo ainda não castrado, o falo ressurgente.

DENYS: Em todas as culturas, você encontra isto. Quem já não colecionou?... Jomard, você não tem botas de Caetano, não?

JOMARD: Tenho...

DENYS: Claro!... Ela tem os falos de Caetano, que são os Totens de Caetano, que é alvo da admiração dele. Como tem gente que odeia Caetano, que não vai comprar um falo de Caetano, tá entendendo? Então, o problema todo está em outra questão. É trazer consigo, estar consigo, e manter uma relação antropofágica e sexual a outro nível com o seu ídolo máximo, comer o seu maior para ser maior. Todo mundo quer ser Xuxa, então a maneira de ser Xuxa é ver Xuxa todo dia, e ter Xuxa com você, agarradinha com você, fodendo com você, esta foda platônica, se é que existe isso.

JOMARD: É... e a história de que não são só as crianças que demonstram interesse. Pais... que me dizem que mudaram o horário das relações sexuais em função do programa da Xuxa (risada de Zélito). Mas isso não é como piada, não! Eles dizem. Eu não tenho nenhuma tese sobre a Xuxa, já vi um psicanalista falando, colocando um X inclusive no quadro, mas eu ainda não me detive no programa da Xuxa. Eu prefiro muito mais o 'Milk Shake'...

DENYS: O problema está na exploração disso. Do aproveitamento disso para explorar, para ganhar dinheiro com isso. Isso é que é o problema. Mas o problema da criança não é esta questão. Ela não tem esta dimensão. Ela não tem a dimensão de que estão explorando ela. De que ela está consumindo. Ela percebe o consumo do pai. Mas um consumo deste ela necessita. Se ninguém inventasse a bonequinha da Xuxa, ela talvez fosse desenhar a Xuxa, ela talvez fosse recortar em papel a Xuxa. Ela talvez fizesse uma boneca e dissesse: 'esta aqui é a Xuxa', sem ter nenhuma característica da Xuxa. Mas tendo estas características da Xuxa, ótimo! E todo mundo quer ter a Xuxa, como todo mundo quer ter uma bicicleta.

ZÉLITO: Eu acho que o que acontece, na verdade, é uma inversão. Eu acho que é uma questão dos monopólios. O monopólio da Estrela, hoje, por exemplo: ela, primeiro, edita, ela personifica o personagem do que pretende (como fez com o 'Comandos em Ação'). Produz o filme... e lança a Xuxa. E aí lança os seus bonequinhos.

JOMARD: É meio totalitário, a indústria cultural irradiando-se para tudo.

DENYS: Você vê, na máscara, a menina se veste como a Xuxa. É um momento primeiro de ter contato corpóreo maior, com esta máscara da Xuxa. Assim, como você vê, de repente surgem outros heróis personificados, nas casas de musculação... que é uma forma de se vestir o Rambo...

ANCHIETA: Tudo isso, estes heróis como o Rambo, Xuxa etc. me sugere fazer outra pergunta: é válido utilizar-se ainda hoje estes valores morais, dialética do bem e do mal na literatura infantil? Porque o adulto está sempre impingindo esta dialética, este conceito. O adulto, aliás, já se forma dentro deste conceito.

JOMARD: Não só na literatura infantil. Em toda a vida humana você sempre dá com este negócio; o que é permitido, o que é proibido. O que faz bem, e o que faz mal.

DENYS: E voltamos à questão da liberdade.

FALVES: Começa com a dualidade de Deus e o Diabo.

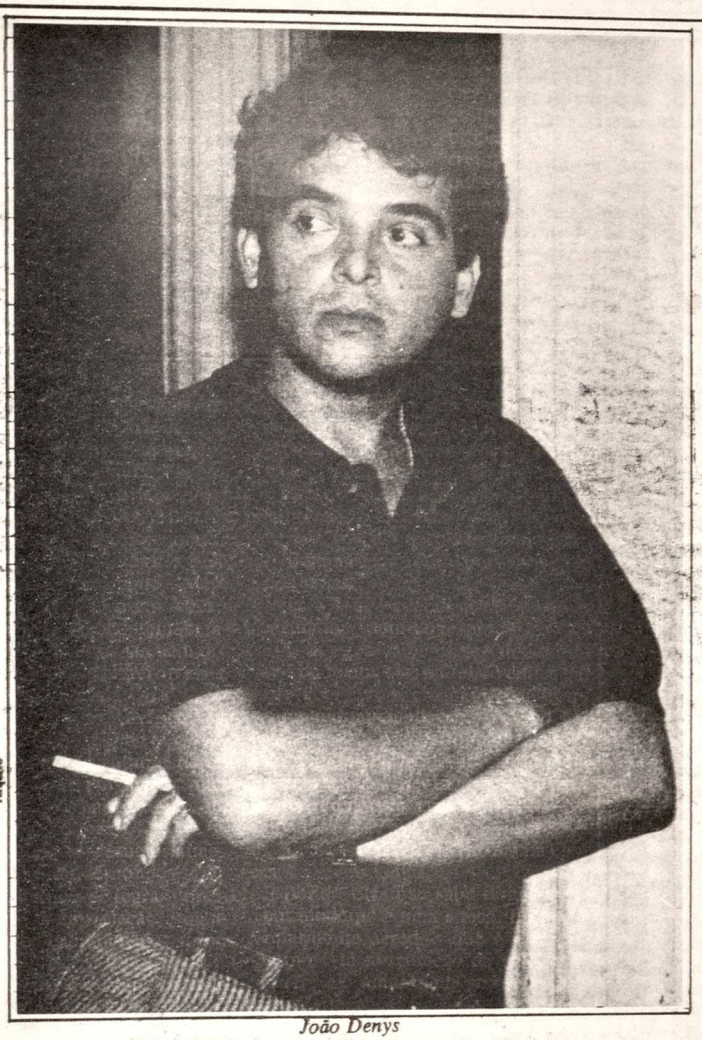
JOMARD: Eu acho que tem-se que superar a dialética pela trialética. E dizer: além do bem e do mal. Mesmo dentro desta dualidade, você tem que jogar com a superação. Porque se você joga assim com o bem e o mal, como sendo assim... duas coisas — isso aqui é o bem e isso aqui é o mal, como se

**"Eu acho que se tem que superar a dialética pela trialética. E dizer: além do bem e do mal."**

(Jomard Muniz de Britto)

Yéda Costa Bezerra de Mello

*Jomard Muniz de Britto*



Arquivo

*João Denys*

**"Se não existir o bem e o mal, em qualquer civilização, não pode haver energia, porque não há forças contrárias"**

(João Denys)

fossem dois compartimentos estanques, eu acho que você está num raciocínio dos mais primários possíveis, e que é muito autorepressor.

DENYS: Não formador de energia.

JOMARD: Exato. Pelo contrário; é negador dessa energia, repressor dessa energia.

DENYS: Era o que eu dizia ontem na Oficina. Eu trabalhava com a emoção. E eu dizia: 'Por que é que vocês prendem tanto? Deixem sair o lado negativo de vocês. Deixem sair o que há de mau em vocês'. Por que não trabalhá-lo também? Como trabalhar esta energia negativa que todos nós temos? Por que barrá-la tanto? Por que escondê-la tanto? Agora, eu não nego de jeito nenhum que devam existir os dois pólos. Porque se não existir esse bem e esse mal, em qualquer civilização, não pode haver energia, porque não há forças contrárias. Agora, o problema é saber utilizar as duas, canalizar as duas para uma produção energética maior. Uma coisa que a Ciência e a Tecnologia já fizeram, a bomba atômica. Falta a gente fazer uma bomba atômica cultural, quando você juntar estas duas coisas em prol de um projeto maior.

FALVES: Estas duas coisas estão sempre interligadas. O bem e o mal sempre caminham juntos. Muitas vezes você está fazendo uma coisa que aparentemente é um bem para uma determinada sociedade, e que poderá ser um mal para você. E vice-versa.

JOMARD: E este **o-bem-e-o-mal** não são também muito relativos à História? Ao momento da História? Na Idade-Média o conhecimento era uma coisa... Hoje em dia, a crise destes valores etc...

DENYS: Claro. O homem primitivo era outro. Eu usava uma vez, sobre esta questão, dando um exemplo no espírito de freiras (a pior espécie que existe — de freira e padre), introduzi assim: você vem muito cansado (era um jogo dramático), e você vê a sombra de um coqueiro, e diz: 'graças a Deus! Eu pedi tanto isso a Deus, e achei esta sombra'. Aí, você se deita embaixo do coqueiro, e cai um côco e racha teu crânio e você morre. Então, por aí você reflexione tudo, deste bem contido neste mal.

ZÉLITO: Eu acho inclusive que, como Anchieta coloca, tem um erro de interpretação. Porque uma coisa é dialética. Outra coisa é dualismo. Eu acho que não existe dualismo da dialética. O bem e o mal é dualismo, não é dialética.

JOMARD: E maniqueísmo.

ZÉLITO: É maniqueísmo, uma relação de separação. Dialética não é bem e mal estarem juntos. É uma outra coisa. Eu acho que precisa a gente talvez discutir com mais calma o que é que significa dialética, que é um pensamento novo, que tem que ser aprofundado, discutido... e a questão do dualismo, que é uma coisa exatamente como Jomard coloca, arcaica.

JOMARD: O maniqueísmo é uma religião, não é?

ZÉLITO: Hum... hum... Então, arcaica, ultrapassada, e acho que precisa ser discutida. O dualismo é uma forma de pensamento que existe, concretamente. E a dialética é uma outra forma de pensar. Eu acho que aí tem que ser estudado com mais calma o que são estas duas formas de pensar. Bem e mal não é dialética. Precisa a gente talvez refletir mais sobre isso. É um dualismo maniqueísta.

JOMARD: Vai outra pergunta aí, Anchieta...

ANCHIETA: Vamos deixar um pouco estas questões religiosas, e vamos falar agora, novamente, sobre a coisa prática da criatividade. Eu pergunto: o que é mais educador para a sensibilidade artística da criança, um livro que seja bonito, colorido, mas que a criança lê quietamente; ou um livro/montagem, onde cenas vão mudando conforme o leitor mirim movimente tiras à margem do livro etc?

RINALDO: Recentemente, a literatura infantil se desenvolveu muito aqui no Brasil. E já tem livros que a criança interfere neles, mexendo em objetos, pedacinhos de papel, aí mexe outro do outro lado, sabe? Então, este tipo de livro vai de acordo com o desenvolvimento que você estava falando, Denys.

DENYS: Sim, é o nível cognitivo da criança.

RINALDO: No primeiro momento, ela ainda está na parte de sentir mesmo, de tocar. À medida que ela vai evoluindo, ela vai gostando da história, de pensar. Então, eu acredito que isto depende de muito de quem está vendo.

JOMARD: Da faixa etária da criança?

DENYS: Eu não gosto desta faixa etária, eu gosto do nível de cognição.

RINALDO: Pronto!... Porque vai chegar um momento que aquele que diz só assim: 'um e dois, você mexe no mais, e pra menos'. Aí, se ele mexer no mais, certo? Um e dois, aparece dois. E se mexer no menos, um menos dois, aparece um. Aí, então, este nível de coisa, chega um determinado momento em que não diz nada para uma outra criança que já evoluiu. Mas aquela que só tem uma informação, que ela está lendo, iria dizer mais para ela. Então, isso é relativo.

ANCHIETA: Nenhum é mais válido do que outro, não é? Depende do momento em que a criança está vivendo.

ZÉLITO: O que eu acho importante é que a pergunta leva à discussão o seguinte: do conhecimento que se ten concretamente, não é? Em ação co creta. E do conhecimento que se te abstrato. Porque ler, na verdade, é um profunda abstração. Não é? Ler é co creto, ou, aliás, o trabalhar os livr que são do conhecimento concreto, te seu nível de uso (eu acho que o Rinald colocou bem), depois de um certo mo mento, às vezes, o conhecimento te que também ser abstrato. Agora, tam bém não é que um separe o outro, nem deva ser retirado um, porque abstrato agora é mais importante d que o concreto, e vice-versa, o concret é mais importante. Eu acho que é u jogo constante inclusive destes dois.

RINALDO: Agora, me lembrei d um negócio. Você levantou uma ques tão, estou pensando aqui agora: a nív de informação para o adulto, do livro só pega a parte da abstração. Eu nã vi nenhum livro ainda do adulto assim Ah... mas...

DENYS: É isso que eu ia dizer: Falves tem um!

JOMARD: McLuhan, menino, 'O Meio são as Massa-gens'!...

RINALDO: Você lê o livro, e mex nele também.

ZÉLITO: Mas eu acho que esta é que é a questão. Aí é que entra um coisa importante, que é o jogo, de che gar ao conhecimento concreto e abstra to, simultaneamente. Que aí é o dialé tico, não é dualístico. O jogo desses esta luta eterna de às vezes ter que abs trair, e às vezes ter que concretamente trabalhar.

JOMARD: Olha, nós temos uma experiência na Universidade. Mas que não é uma coisa só da Universidade não. Por exemplo: Paulo Bruscky, ele tem uma idéia de uma cartilha que ele apresentou para a Polônia, e que eram os próprios alunos que criavam esta cartilha. A tendência, assim, que eu acho que é mais estimulante, é cada aluno criar seu próprio livro, escrever a sua própria estória. Então, nesse sentido a gente tem desenvolvido um trabalho em que os alunos vão, cada um deles registrando as suas experiências em sala de aula, e no final eles apresentam um livro de autor. Um livro de autoria deles. Um roteiro do que eu chamaria assim a memória afetiva, crítica e criativa deles. Então, isso é na Universidade, mas poderia ser em qualquer nível de aprendizagem. Fazer com que os alunos participem do processo, diretamente, e que eles não recebam apenas os livros, eles também procurem, leiam os livros e criem os livros deles. Quando eu coloquei isto a primeira vez na sala de aula, eles disseram: 'mas a gente vai escrever um livro? Não é possível!' Aí, depois de muita conversa, quando eles descobriram a possibilidade... 'Ah, tive uma idéia!...' E o livro podia ser em forma de uma caixa, entendeu? Com o tamanho que eles quisessem. Com o material que eles quisessem. Então, isso é uma coisa que tem que começar na escola primária, na adolescência também, para todos os níveis.

ANCHIETA: Eu acho que nisso já se cria um elemento de vanguarda em relação aos hábitos que os alunos têm. Então, eu faria essa pergunta: a arte

de vanguarda pode ser ensinada didaticamente, ou seja: uma criança pode aprender a fazer arte de vanguarda?

JOMARD: Eu queria, como um dado assim referencial, lembrar o pensamento da Ana Mae Barbosa, que é a nossa Doutora em Arte-Educação no Brasil. Ela diz que a Universidade está, pelo menos, cinqüenta anos em atraso diante das conquistas da arte moderna e contemporânea. Por isso que ela faz um grande apelo: é preciso que o arte-educador seja antes de tudo um contemporâneo. Então, o problema da arte de vanguarda nas escolas é um problema de um certo anacronismo do nosso aparelho escolar, em todos os níveis.

ANCHIETA: Do primeiro grau até à Universidade.

RINALDO: Eu também sou partidário dessa opinião, que a gente precisa estreitar os laços entre os artistas e a Universidade, entre os artistas e a escola de primeiro grau, de segundo grau etc. Agora, o artista, quando ele faz uma obra de arte — não é? —, ele está preocupado de uma forma, uma maneira de expressão; e para ela ser introduzida de uma forma pedagógica, ela precisa também passar por um outro processo, transformar ela numa linguagem didática, que é importante isso. Então, é preciso que os pedagogos, eles pensem, estejam mais próximos dos artistas. Para que isso possa ser digerido de uma forma didática. Então, como seria a arte dos anos 80, digerida, com os pedagogos, para ser implantada nas universidades e nas escolas de primeiro e segundo graus? Então, como seria isso? No final dos nossos tempos, assim, quando está tendo todo este processo de questionamento da arte, que é uma coisa muito séria, como isso vai ser passado de uma forma didática? Eu me preocupo muito com isso, como é que isso vai ser passado. Agora, eu acho que deve estar realmente próximo da escola.

JOMARD: Eu lembraria muito a coisa de que, a convivência, quando você fala aproximar o artista das escolas, eu acho que caberia aos professores de educação artística convidarem os artistas da comunidade mais próxima. Então, se tem um artesão popular, ou se tem um pintor, ou um músico de banda, pop... então, convidarem os artistas para se apresentarem na escola, para serem entrevistados pelos alunos — o que é uma vida de artista? Como é que o artista faz? Como trabalha? Cria? Como é que ele vive? Então, uma das formas de encaminhar o problema da arte nas escolas seria isso, dessa convivência, entendeu? Começa-se perguntando aos alunos: 'vocês conhecem, no bairro em que vocês moram, na rua que vocês moram, algum artista?' Agora, a pergunta do Anchieta é mais sobre arte de vanguarda...

**"Eu acho que não existe dualismo da dialética: o bem e o mal é dualismo, não é dialético."**

(Zélito Passavante)

ZÉLITO: Eu gostaria de reforçar inclusive aquela minha fala, que é a questão da condição histórica. O que Ana Mae também levanta muito, a questão da gente ter um conhecimento da historicidade. Então quando ela coloca que a Universidade brasileira está pelo menos cinqüenta anos atrasada, é porque o que está sendo dado na Universidade é a História de cinqüenta anos atrás. Eu acho que, por exemplo, esta nossa vinda aqui ao Rio Grande do Norte, dando, por exemplo, arte postal, é uma proposta no nosso tempo, é uma proposta do nosso tempo. E que está mostrando concretamente que é possível aplicar as propostas da vanguarda.

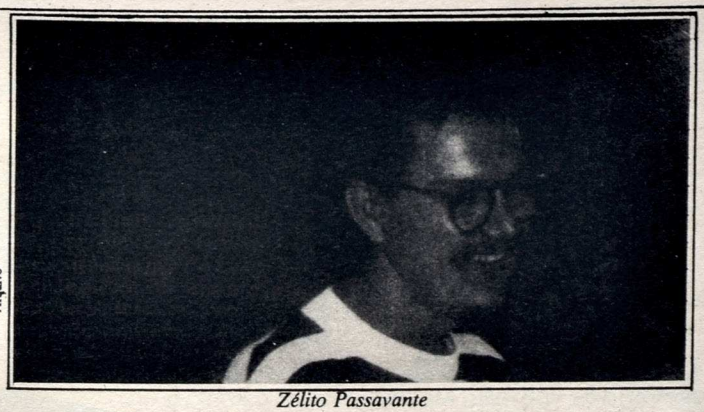
JOMARD: O diálogo entre a vanguarda...

ZÉLITO: ... e a escola. É possível ela fazer isso. E eu acho mais importante é que se procure eternamente esta condição histórica.

RINALDO: E tem uma coisa interessante também: é que a arte postal é de fácil assimilação pelos professores. Eles rapidamente assimilam e sabem como transformar isso para os alunos. Agora, eles precisam desta informação, eles precisam desta ligação com os artistas.

Arquivo

*Rinaldo José da Silva*



Arquivo

*Zélito Passavante*

ZÉLITO: Continuando, eu acho qué uma grande dificuldade que a gente pode dizer — da dificuldade e não da impossibilidade da vanguarda atingir as escolas e das propostas de vanguarda atingir as escolas — é do distanciamento do professorado da realidade que vem sendo vivenciada, do ponto de vista não só (como Jomard coloca) do pop que está no bairro, mas dos vanguardistas que estão na cidade, do movimento cultural que ocorre na cidade, da História desta Cultura que a cidade está vivendo, ou que viveu. Este diálogo dialético, eterno, que é preciso ser feito. É importante. Eu acho que a sua pergunta é muito boa, por isso. Porque a gente inclusive mostrou concretamente que a vanguarda pode trabalhar nas escolas.

JOMARD: Venha cá... Quantos professores aqui do Rio Grande do Norte tinham conhecimento do pioneirismo de Falves Silva nos campos da Arte Correio, da Arte Postal? A maioria talvez desconhecesse, entendeu? Inclusive, Falves é mais conhecido talvez em Recife, no Rio de Janeiro. Então, nesse sentido, a vinda nossa aqui possibilitou este conhecimento. Quer dizer: houve uma feliz coincidência, do fato de Falves estar de férias no trabalho dele. Se estivesse trabalhando, dificilmente poderia sair. Mas então ele, por relações de amizade com a gente, ele integrou-se no grupo, ele participou das Oficinas de Arte Correio, apresentando material, falando, contando a experiência dele. Quando a gente fala desse diálogo da escola com os artistas, é isso, a gente procura concretizar isso.

ANCHIETA: É certa a opinião de Roland Barthes, que certa vez afirmou que "toda linguagem é fascista, já que impõe suas regras"? Segundo esta opinião de Barthes, toda vanguarda não seria também fascista, já que imporia suas regras, seus métodos, seus processos?

JOMARD: Eu estou muito por dentro deste debate, porque o texto do Roland Barthes, "A Lição na Aula", ele foi contestado por outro texto, de Umberto Eco, que diz que justamente não é. É uma frase, essa, de dizer que toda linguagem é fascista. Pois toda linguagem pode ser autoritária, mas ao mesmo tempo ela tem a possibilidade de ser transgredida. Então, ela deixa de ser um bloco monolítico, uma regra única. Eu acho que vai por aí, que é o que Umberto Eco responde a Roland Barthes. Agora, vamos ver a gente aqui, o que é que a gente pensa, sobre a linguagem, se toda linguagem é a linguagem do poder dominante. Trocando em miúdos, seria isso, não é? — se toda linguagem é a linguagem do poder dominante, porque toda linguagem vive de regras, e a vanguarda também seria assim, porque a vanguarda seria uma programática. Eu acho que a grande questão que se coloca sob o rótulo de pós-moderno, que a gente vem discutindo ultimamente — e que vem desde 1967, quando Mário Pedrosa escreveu sobre os trabalhos de Hélio Oiticica —, é justamente para dizer: nós não podemos viver aquele mesmo espírito das vanguardas dos fins do século passado e dos começos deste século vinte, que eram vanguardas assim... que tinham manifestos, que tinham programas. Se não seguisse aquele programa, não era vanguarda. Então, estas vanguardas históricas, elas realmente foram superadas, nesse sentido, porque hoje em dia ninguém ousa mais lançar uma carta-programa, um plano-piloto (como a Poesia Concreta lançando um Plano-Piloto da Poesia concreta em 1958, que, aliás, é uma coisa muito ligada a Brasília, aquele momento em que Brasília tinha um plano-piloto), então, quem não está ali dentro, não é vanguarda, é diluição. Eu acho que o debate hoje se ampliou muito, quer dizer, a vanguarda contemporânea — o que se chama também trans-vanguarda ou vanguarda permanente — seria uma vanguarda que sobretudo procuraria tirar este ranço de autoritarismo das vanguardas históricas. Porque a questão termina sendo do autoritarismo, do poder: se a linguagem é o poder, o poder estratificado, não é? O poder dominante. Se a vanguarda também é um poder dominante... que nunca conseguiu ser. Ainda bem. Tem aí um livro chamado "Tradição do Passado", que mostra que, mesmo na Paris, entendeu? Com todos os movimentos de vanguarda neste século, os museus abrigavam a arte acadêmica, claro! Porque o poder oficial estava mais identificado com a arte acadêmica. E eles, os da vanguarda, contestavam esta arte acadêmica, este poder oficial.

ZÉLITO: Eu acho que o que Jomard coloca quanto ao autoritarismo da linguagem... Acho que seria bom entender a linguagem do ponto de vista dialético. Jomard colocou bem esta dialética. É bom traduzir ela como uma lei

# LIVROS E AUTORES

*Jaime Hipólito Dantas*

## "CASULOS DO SILÊNCIO"

Joanyr de Oliveira é um poeta mineiro, nascido em Aimorés, mas morador, hoje, de Brasília. Ali, além da poesia, cultiva o jornalismo, o magistério e a advocacia. É autor de vários livros de poemas, dos quais este "Casulos do Silêncio" constitui boa síntese. Nomes que vão de Antônio Houaiss e Carlos Drummond de Andrade, a Massaud Moisés, Maria de Lourdes Teixeira e Alphonsus de Guimarães Filho, dentre outros, aparecem no volume com opiniões que consagram o excelente poeta que é Joanyr de Oliveira. "Casulos do Silêncio" traz o timbre da Editora Cátedra, do Rio de Janeiro, e reúne poesias do melhor gosto. Do que nos dão a prova estes versos, em ritmo de redondilha menor:

"Busco o tom e o tema
em campos noturnos

e a garganta afino
nas canções do vento"

Ou estes, mornamente elegíacos:

"Saboreio os cachos
e os favos inebriantes
de teu nome, enquanto
as argamassas do sonho
explodem pelas areias".

## "REBECCA", UM PLÁGIO?

Quem se lembra mais de "Rebecca, a Mulher Sublime"? Foi uma das obras de ficção mais lidas do seu tempo. Inteiramente esquecida, hoje. Sua autora, a inglesa Daphne du Maurier, que morreu agora, velhinha, também já estava há muito esquecida. Devem lembrar-se do romance os aficionados dos velhos sucessos de Hollywood, graças ao filme de Hitchcock, com Laurence Oliver e Joan Fontaine. Uma estória de amor para encharcar de lágrimas todos os olhos do mundo. Aí, agora, me lembro também do artigo que, quando "Rebecca" saiu no Brasil, escreveu Álvaro Lins, para provar que se tratava dum plágio. E plágio de livro de autora brasileira, hoje também falecida. Chamava-se Carolina Nabuco, e a obra, "A Sucessora". Álvaro Lins, brilhante, corajoso, mostrava os pontos coincidentes entre os dois romances para concluir que a escritora inglesa pescara sua estória no romance da brasileira, que afinal fora publicado primeiro. O artigo do crítico pernambucano está no volume "O Relógio e o Quadrante". Que já não o vejo na estante. Fugiu-me. Mas como me lembro dele.

## NÍSIA FLORESTA

Está aqui uma oportunidade para conhecermos a figura de Nísia Floresta Brasileira Augusta. A Cortez Editora, do Rio de Janeiro, caba de reeditar o "Opúsculo Humanitário", a obra talvez mais conhecida da escritora, aparecida em 1853. Sua republicação, agora, é uma iniciativa da Fundação José Augusto, com o seu presidente Woden Madruga. Nesta sua segunda edição, o "Opúsculo" vem enriquecido de uma introdução tão brilhante quanto simpática de Peggy Sharpe-Valadares, americana de Illinois, e um posfácio de Constância Lima Duarte. É de dizer-se que as idéias expostas por Nísia Floresta de um modo geral já caíram bastante de interesse. O que permanece é a curiosidade que nos desperta o estilo da autora, evidentemente romântico, ou o fato de em meros artigos de jornal se repetirem tantas citações de filósofos, sociólogos e escritores em geral, com o que talvez pretendesse Nísia Floresta exibir o seu atributo mais raro, como mulher: a erudição. Cita à vontade desde os filósofos gregos e os poetas e oradores romanos da antiguidade, aos pensadores e educadores da Idade Média, além de autores mais recentes (Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Chateaubriand, Michelet, a quem chama de "progressista e eloqüente", Castilho, Garrett, Herculano, Gonçalves Dias, "nosso distinto poeta", Byron, Hugo, além, claro, de Augusto Comte, de quem era discípula). São 62 artigos, publicados originariamente na imprensa do Rio de Janeiro, entre 1852 e 1853. Objetivo principal, contribuir para a educação da mulher, que, segundo Nísia, não deve se limitar a "guardar os rebanhos, a preparar a comida, e a dar à luz a sua posteridade". É uma leitura, de interesse quase somente histórico.

Arquivo

*Hélio Galvão, autor do livro*
**Estrutura Agrária do Rio Grande do Norte**

## "COLEÇÃO MOSSOROENSE"

É uma coleção de livros, opúsculos, às vezes simples folhetos, que não pára de crescer. Nenhuma outra, provavelmente, cresce em ritmo mais acelerado neste país. Sob a orientação de Vingt-un Rosado, ele próprio um dos autores de mais farta contribuição, a "Coleção Mossoroense" é hoje uma das coisas que mais dignificam a cidade de Mossoró. Já foi instituída ali até uma "Noite da Cultura" (a noite de 25 de setembro), para o lançamento coletivo das edições do ano. Os volumes que se lançarão neste 1989 já começaram a sair do prelo. Os temas, como sempre, giram preferencialmente em torno de Mossoró. Ou do Rio Grande do Norte, de um modo geral. Saem tanto edições originais quanto reedições, bastando que se trate de obras esgotadas. Como parte do acervo deste ano, cá estão o "Plano Regional do Oeste", de Aluízio Alves, "Estrutura Agrária do Rio Grande do Norte", de Hélio Galvão, "José Martins de Vasconcelos", de Cosme Lemos, e "Instantâneos da Presença de D. Jaime de Barros Câmara em Mossoró — 1943". Dentre outros.

## DA EDITORA MODERNA

Livros recebidos: "Ipupiara", de José Rufino dos Santos, inspirado na vida de Domingos Jorge Velho, bandeirante e também "um devorador de índios". "Aventuras Sem Fim", de Lucília Junqueira de Almeida Prado, que começa assim: "Era uma vila tão pequena que nem aparecia no mapa". E o clássico "O Crime do Padre Amaro", de Eça de Queirós, trazendo 68 "notas do editor", além de dados bibliográficos e, em separado, uma "orientação de leitura" destinada a estudantes, afinal aqueles para quem são especialmente editados os livros da Editora Moderna. São volumes cuidadosamente revisados e dotados de capas artisticamente concebidas para encher a vista do estudante. Este "O Crime do Padre Amaro" traz, além do mais, a "nota da segunda edição" escrita pelo próprio Eça, na qual se defende da acusação de haver imitado, nesta sua obra, o "Faute de l'Abbé Mouret", de Zola.

Arquivo

*Alex Nascimento*

## ANTOLOGIA

"Sou um mísero e feliz bebê de proveta. Não tenho pai, mãe, avô, avó, irmãos, não tenho sequer direito de saber se me tenho ou se sou apenas uma cobaia remunerada. Minha maior e única dúvida é saber se sou uma pessoa física ou química. Não, querida carta, "maior e única" não constitui um erro de lógica, trata-se apenas de um acerto de contas".

ALEX NASCIMENTO
("Quarta-Feira de um País de Cinzas").

# Cartas dos leitores

**ESPÍRITO DE MODERNIDADE**

Prezada Marize Castro, na oportunidade da entrada do segundo ano de bela vida de O GALO, venho felicitá-la, na qualidade de editora, a Anchieta Fernandes na de redator, os demais membros da equipe, pela qualidade dessa publicação literária da nova fase da Fundação José Augusto, o espírito de modernidade que a norteia — do aspecto gráfico às matérias em si —, e pelo êxito que sua permanência nesse próprio espaço de tempo vem corroborar.

Tão bom, principalmente para este exilado potiguar, poder ter esse contato cultural com a velha terra através dessa publicação, acompanhar o seu movimento artístico e literário, o que vêm fazendo os amigos, os que vêm surgindo — os novos valores —, as homenagens aos que se foram — uma Zila Mamede, uma Myriam Coeli. Saber que este grupo está atuante — e que através de **O GALO**, seu trabalho está podendo ser acompanhado e admirado por todo o Brasil.

Com meus agradecimentos pela gentileza de sua remessa, e os votos para ele de longa vida.

**Renard Perez**
**Rio de Janeiro-RJ**

**CRIATIVO E UNIVERSAL**

Prezado editor, acuso o recebimento do jornal "O GALO". Achei sensacional! É um jornal brasileiro, acima de tudo é nordestino, criativo e universal.

O GALO entrou na minha mente como uma orquestra transpõe suavemente uma bela canção de ninar! Tem bastante conteúdo e reanima os seus leitores com uma força de Titãs.

Parabéns por este jornal cem por cento cultural.

Ficam registrados aqui os meus sinceros agradecimentos.

**Danilo Giuberti**
**Dom Pedro-Maranhão**

**SERIEDADE**

Agradeço remessa de tão importante trabalho. Nossa cultura está carente de veículos sérios, inteligentes e dinâmicos.

Parabenizo O GALO não só por seu primeiro ano de sobrevivência — mas por sua força, sua ousadia e (torcida em massa!) continuidade.

A partir de junho o Poemagia passa a ser um jornal de verdade. Mais uma de JLJ/TJ Produções De-Vidas. Aguarde.

Muita força ao GALO e a todos aqueles que lutam por uma cultura decentemente posicionada neste país.

**Tânia Gabrielli**
**Poeta, editora de POEMAGIA**
**São Paulo-SP**

**CULTURA E ARTE SEM FRONTEIRAS**

Foi com imensa satisfação que a Diretoria da Associação Paulista de Belas Artes, recebeu pela primeira vez o jornal "O Galo", jornal esse totalmente potiguar, mas no entanto, acolhendo todos escritores, poetas, intelectuais e artistas plásticos do Brasil todo, demonstrando dessa forma que a Cultura e Arte não têm fronteiras nem descriminações.

Recebam nossos cumprimentos pelo aniversário de 01 ano de trabalho incessante, porém, profícuo e compensador.

**Irene Thommasi Antonelli**
**Associação Paulista de Belas Artes**
**São Paulo-SP**

**GALO E NICOLAU**

Gostaria de manifestar os meus mais sinceros parabéns, pelo magnífico canto desse fascinante "GALO".

Fiquei encantado com a beleza e homenagem que vocês fizeram a brilhante e inesquecível poeta Zila Mamede, no Galo nº 10, parabéns.

Tenho acompanhado com grande interesse o trabalho de vocês, desde o primeiro (sempre num crescente de qualidade) e faço votos para que este Galo cante ainda por muitas e muitas madrugadas, nos tirando desta sonolência...

"O GALO", juntamente com o "NICOLAU", são os mais sérios e competentes veículos de idéias e cultura, que circulam por este 'decadente país', que as idéias sejam cada vez mais fortes e belas... verdadeiras e encantadoras.

**R. Leontino Filho**
**Poeta**
**Mossoró — Rio Grande do Norte**

**APAIXONADAMENTE**

Recebemos alguns exemplares desse cantante Galo potiguar. Algum tempo faz que a Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina passou a recebê-lo. Para completar a coleção nossa, gostaríamos de receber os números 1, 2, 3 e 9. Todos os que fazemos literatura aqui queremos continuar a ver (às vezes apenas ler é insuficiente) essa publicação em nossa mesa de periódicos. Dá gosto e prazer.

Não fosse eu de Mossoró, ficaria impressionado com a qualidade do material veiculado, a profundidade norteadora de muitos textos, a linha editorial desnuda as frescuras intelectualescas, mas apaixonadamente modelada pelo que de melhor se faz e edita neste país de tantos embrulhos emergenciais.

É bom, para quem conviveu com muitas presenças de O GALO, reencontrá-las lúcidas e sabê-las ainda grávidas de sonho e ousadias. As páginas de O GALO disso são testemunhas. É bom, para quem habita a maravalha sulinéia, constatar mais uma vez o crime que o país como um todo comete contra o resto do Brasyl, ao alimentar o eixo Rio-São Paulo como o gerador exclusivo de tudo o que de melhor se produz na Belíndia dos casacões acadêmicos e dos bolsões de fome anêmicos. Está aí O GALO, perdido/achado noutro eixo, ostentando valores não facilmente encontráveis no ungido eixo. É bom, muito bom. É dessa lição que o pays precisa. Ou melhor: que os (ir) responsáveis pela gerência das atividades culturais precisam. É gritando que se mostra a viva voz. Gritem nesse tom presente, que o futuro talvez não seja surdo e ouça essa Óperarock tão bem orquestrada por vocês.

Quanta gente há quase/mais de vinte anos ausente do meu passado nas "cocadas" do grande-ponto. Certo que uns mais freqüentes: Francisco Sobreira & irmão, Manoel Onofre Jr. e o nunca esquecido Ignácio Bem Cirineu (onde andará?). Outros apenas se chegavam e logo se iam, aves em poemas de constantes processos: Anchieta Fernandes, Moacy Cirne, João Bosco de Almeida. Wellington Dantas (outro dia presente num belíssimo "poema da crise da metalinguagem") e Luís Carlos Guimarães (Noite/Tresnoite) bem que poderiam ter feito companhia ao Miguel Cirilo e ao Charlier Fernandes. Há ainda outros, ausentes (?) de O GALO. Gileno Guanabara e Juliano Siqueira que o digam. Das plagas salínicas vejo o Jaime Hipólito. Não o Contista de O Aprendiz de Camelô, mas o crítico instigante e áspero, alimentando de leitura imponderável e vivíssimo sentido de liberdade. E outros e outros eu vejo, com uma vontade desmedida de encontrar a todos numa talvez agora "inexistente" "tenda do cigano" (prás bandas do hotel reis magos), conhecendo a outros e revendo alguns, numa festa de só acabar bem depois do dia em que esse pays tivesse tomado vergonha na cara e sacado a máscara dos corruptos todos de cada dia...

**José Gomes Neto**
**Poeta, Presidente da**
**Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina**
**Caixa Postal 3431 — 88000**
**Florianópolis-Santa Catarina**

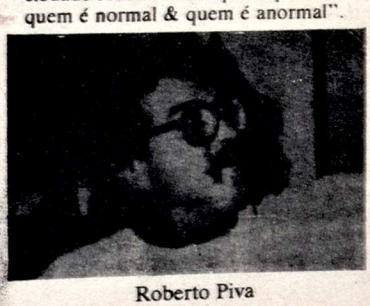
# AL NTAOGALOCONTAOGALO

## POESIA DIONISÍACA

O poeta paulista Roberto Piva tem sido encarado numa posição marginal pela crítica e outros poetas. Talvez por ser o seu um texto rebelde, irreverente, aberto a uma livre interpretação sexual da vida, não ligada a qualquer programa estereotipado de escola literária. De "Paranóia" (Massao Ohno, 1963) — onde o poeta revela aspectos da face urbana da cidade "com chaminés crescendo, anjos engraxates com sua gíria feroz na plena alegria das praças, meninas esfarrapadas definitivamente fantásticas" — a uma "Antologia Poética" em 1985, tem feito um discurso diferente, uma denúncia mas com a mais plena liberdade de expressão.

Dele, recebemos a 2ª edição do livro "Piazzas" (Kairós Livraria e Editora Ltda.), acompanhada do nº 17 (julho/agosto de 1988) do jornal paulista PÍCARO com uma matéria sobre ele ("Hóspede Incômodo", de Walter de Souza Júnior), e de uma cópia xerocada em separado de outro texto do próprio Roberto Piva ("Utopias, Centauros: Brasil Agora").

Como escreveu Cláudio Willer, apresentando a 2ª edição de "Piazzas" (aliás, fazendo parte da Coleção A Ciência da Abelha), "a leitura atenta de **Piazzas** e das suas demais obras aponta para a existência de uma só palavra de ordem: **desrepressão**". Piva desreprime em dois aspectos: o da linguagem, colocando o que Cláudio Willer chama de "fonemas não-semantizados" (como os "cra cra cra" do poema "O Robot Pederasta"), e ousando pensar livremente, sem qualquer submissão a padrões morais ou literários institucionalizados. Das jóias do pensamento de Roberto Piva, que chocaram "a crítica e mentes bem-pensantes" (Cláudio Willer) e provocando portanto silêncio ou protesto contra a "pornografia" ou "imoralidade", queremos citar esta: "O objetivo de toda Poesia & de toda Obra de Arte foi sempre uma mensagem de Libertação Total dos Seres Humanos escravizados pelo masoquismo moral dos Preconceitos, dos Tabus, das Leis a serviço de uma classe dominante cuja obediência levanos preguiçosamente a conceber a Sociedade como uma máquina que decide quem é normal & quem é anormal".



Roberto Piva

## OUTRAS VOZES POÉTICAS

Recebemos mais os seguintes livros de poesia: "Vozes do Vento e outros poemas" de Laérson Gontijo Maia, por Gráfica e Editora Cultura Ltda., de Belo Horizonte, MG; "Profissão de Poeta", de Franklin Maxado, por Fundação Cultural de Feira de Santana, BA; "Coisas da Minha Terra", poesias regionais de Luiz Lacau Filho, edição particular, Guaíba, RS.

A poesia de Laérson Gontijo Maia é um misto de temas intimistas e temas sociais, o poeta descrevendo "os sonhos, os conflitos e as incertezas naturais do ser humano" — como é dito na orelha do livro. Em versos livres e em formas tradicionais, como o soneto, o poeta registra a contemporaneidade das greves e a imagem eterna de barcos deslizando suavemente "rumo ao desconhecido". Voto de louvor ao bonito desenho da capa, por Mariângela de Resende Chaves.

Franklin Maxado, por sua vez, é um experimentador de formas poéticas. A poesia de cordel — ele a produz com maestria, inclusive com as belíssimas xilogravuras de capas dos folhetos, já que é também excelente desenhista. Usa também a poesia em versos livres, modernista. Para expressar-se conceitual ("Poesia") ou satiricamente ("Aqui Jaz"). Alguns toques inventivos a mais podem ser detectados no livro "Profissão de Poeta": neologismos (V. "estiletizaram", no poema "Continuo Acreditando no Amor"). A introdução do projeto experimental ortografiko-fonétiko, onde certas letras são eliminadas e grupos consonantais são substituídos por letras com a mesma força fonética. A inovação, em alguns poemas, de colocar o título não encimando o poema e sim em meio ao texto corrido, transformando o título em mais um dos versos do poema.

São as invenções de um artista versátil, que além de poeta e desenhista, tem atuado como teatrólogo, jornalista, ator e apresentador de televisão.

O pequeno livro "Coisas da Minha Terra" é a poesia simples do regionalismo gaúcho. Em forma de quadrinhas (com exceção do poema "A Cachaça"), tem-se quase sugestões de letras a serem musicadas pelos cancioneiros dos "galpões nativos".

## ANTOLOGIA

Em comemoração aos 10 anos de sua fundação, a Casa do Poeta Brasileiro (Poébras), seção de Brasília, publicou a antologia "Dez Anos de Poesia e União", reunindo uma parte documental e uma seleção de poemas de 40 autores vivos e 11 falecidos (publicados como homenagem **in memorian**). A Casa do Poeta Brasileiro foi fundada originalmente em Porto Alegre, no RS, a 24 de julho de 1964, por Nelson Fachinelli. A seção de Brasília foi fundada a 24 de maio de 1978 pela poetisa Maria de Lourdes Reis. Desde então, a entidade tem mantido constante atividade cultural na Capital Federal, destacando-se recitais de música e poesia e lançamentos de livros de poesia. Em 1986, coordenou a criação em Brasília da seção brasileira da Sociedade de Cultura Latina, que tem matriz em Portugal. Antes desta presente antologia comemorativa, a Casa do Poeta Brasileiro, seção de Brasília, já publicara as antologias "Os 21 de Brasília", em 1981; "Mãe", em 1983; e "Brasília — 25 anos", em 1985. O livro "Dez Anos de Poesia e União", publicado o ano passado, traz belíssima capa reproduzindo, com foto de Antônio Resende, a tela "Nossa Senhora Socorro da Criança Negra", da pintora mineira Marlene Godoy Barreiros.

Os 142 poemas do livro são representativos de uma poesia à maneira tradicional, sem maiores pesquisas numa linha criativa de redimensionamento do instrumento palavra. Seus autores, oriundos de várias partes do Brasil (tem inclusive duas poetisas norte-rio-grandenses: Maria Sophia Bezerra Vanutelli e Condessa) e dois estrangeiros (o peruano Edgardo Carbajal Bustios e o espanhol Luis Rúbios Chavarri Y Alcalá-Zamora) apresentam um discurso simples, trazendo contudo o mérito do humanismo de uma palavra louvável em defesa da Paz, do Amor, da Fraternidade. E também de constatação das injustiças sociais e das agressões ambientais. Tematicamente, há os constrastes de interesses entre, por exemplo, a poesia de sentimento religioso de Ademário Iris da Silva, e a poesia sensual de Marco Antonio Wolovikis Braga. Um dos poemas do livro ("Justiça e Amor", de Elvira Werneck) foi premiado com Menção Honrosa no Concurso de Poesia em Barreiro, Portugal, em 1987.

## COMUNICAÇÕES VERBAIS

Nos dias 29 e 30 de junho próximo, Natal sediará o Seminário Intensivo de Comunicações Verbais, que desde 5 de abril, com início em Curitiba, PR, vem sendo pronunciado pelo Professor Oswaldo Melantonio, um dos maiores especialistas brasileiros em Oratória e Comunicações Verbais em geral. O Seminário Intensivo de Comunicações Verbais está programado para percorrer 26 capitais brasileiras, entre os dias 5 de abril a 12 de julho, com encerramento em São Paulo, SP.

O programa do Seminário inclui os seguintes temas: Arte, Ciência e Técnica da Comunicação; Timidez; Vocabulário Passivo e sua Transformação em Ativo; Expressão Corporal; Organização das Idéias para Liderar pelas Saudações, Brindes, Palestras, Aulas, Conferências e Debates; Participação em Painéis, Simpósios, Seminários, Mesas-Redondas, Entrevistas para Jornal, Rádio e Televisão; Tipos de Reuniões; Organização Cultural para Oratória de Alto Nível (o que é necessário para saber muito de um pouco e pouco do muito); Educação da Voz (controle da emissão vocálica, dicção, sonoridade, altura, volume, intensidade, califasia etc.); Presença de Espírito, Anedotas, Ilustrações; Eloqüência; Retórica; Lógica; Ética; Dialética; Palavras e Idéias de Valor na Venda de Pensamentos, Emoções, Serviços ou Mercadorias; Tempo versus Tema; Oratória e Marketing; O Lugar-Comum; Filosofia da Comunicação, Embelezamento da nossa Mensagem.

## FAUSTO CUNHA

O crítico Fausto Cunha é um dos mais lúcidos no panorama da análise literária brasileira, mantendo-se numa linha própria equidistante tanto das metodologias estruturalistas quanto das facilidades impressionistas. Coerência que decorre do fato de ele ser também um praticante da prosa literária de ficção, autor de um dos mais belos contos no gênero Ficção Científica, "A Vela Que o Mundo Apagou" (incluído no seu livro "As Noites Marcianas"). Quando em 1964 a Editora Lidador publicou seu livro "A Luta Literária", reunindo "alguns dos melhores e mais oportunos ensaios da nova crítica brasileira", o leitor estava realmente diante de uma abordagem nova, introduzindo conceitos como o de **metacronismo**, esclarecedor do comportamento de escritores atuais diante do problema do tempo e de suas relações com o espaço literário. Culto e sensível à força da criatividade, Fausto vai fundo na revelação da origem de influências literárias e de analogias entre escolas e movimentos literários pseudo-independentes.

É o que se pode notar principalmente no seu novo livro, "Romantismo e modernismo na poesia" (Editora Cátedra), que recebemos com gentil dedicatória. São 6 ensaios sobre poesia brasileira, "completos e autônomos em si mesmos, guardam uma unidade essencial por suas linhas de convergência do pensamento crítico e pela função conferida à poesia como uma pedra de toque da perenidade" (da orelha do livro). Fosse apenas um resenhador semanal e não um crítico da categoria de Fausto Cunha quem o afirmasse, dificilmente acreditar-se-ia da validade em ser considerado um dos "grandes momentos de iluminação do gênio humano" o poema "Meus Oito Anos", de Casimiro de Abreu, nivelado à "Ode a um Rouxinol", de Keats, a "Ode ao Vento Oeste", de Shelley, à "Tristesse d'Olympio", de Victor Hugo, e à "L'Infini dans les Cieux", de Lamartine. São poemas representativos do culto à Natureza, que levam Fausto Cunha a ter a tentação de mudar a designação "poesia romântica" para "poesia ecológica". O estudo final é uma releitura do modernismo de 22.

# ONTAOGALOCONTAOGALOCON

## DOIS JORNAIS CULTURAIS

## I — RESTO DO MUNDO

Recebemos o 3º número do jornal cultural RESTO DO MUNDO, de Fortaleza, CE, que tem Floriano Martins como Diretor de Edição e Projeto Gráfico Lauro Maciel Jr. é o Editor. Este 3º número é referente a janeiro, e traz no espaço de créditos e endereço da Redação (Rua Pintor Antonio Bandeira 2300/303, Praia do Futuro, CEP 60180, Fortaleza, CE, Brasil) uma homenagem que muito nos sensibilizou, através das seguintes palavras: "Dedicamos este número terceiro de RM a Marize Castro e Wilson Bueno, pelo trabalho de editoria desempenhado, respectivamente, à frente dos jornais O GALO (PR) e NICOLAU (PR)".

Receber tal homenagem de um jornal cultural do porte do RESTO DO MUNDO é um doce incentivo, pois não é somente uma massagem de ego mas também uma resposta às nossas indagações interiores, sobre se vale continuar este trabalho. Então, constatamos que vale, sim. Vale se continuar fazendo O GALO, NICOLAU, RESTO DO MUNDO, O PRELO e quantos outros órgãos de divulgação cultural que, com apoio oficial ou sem apoio oficial, prosseguem dinamizando as idéias e revelando a face criativa da espécie humana.

RESTO DO MUNDO é uma prova em si, pela sua qualidade gráfica e pela colocação de novos conceitos, da necessidade de continuar existindo. Com uma certa tendência opinativa em favor da expressão surrealista, diversifica-se contudo no levantamento de outros contextos, principalmente registrando os valores da mensagem de poesia que nasce pelo "resto do mundo" além fronteiras cearenses. Assim, no 1º número (agosto, 1988) trouxe um importante artigo de Jiri Brynda sobre a poesia tcheca pós-1945. No 2º número (novembro, 1988) atualizou os leitores sobre a poesia latino-americana, publicando uma oportuna entrevista com o poeta cubano José Kozer. E neste 3º número revelou a face de poesia-poesia (não apenas poesia subjacente em textos/prosa) de Guimarães Rosa, com 6 poemas em verso, onde o autor de "Grande Sertão: Veredas" assinou, usando heterônimos-anagramas, belas imagens poéticas. Como belas e poéticas, aliás, são as imagens em fotos da capa deste 3º número de RESTO DO MUNDO.

## II — VERVE

VERVE é um jornal de literatura e artes, dirigido por Cláudia Roquette-Pinto, e que circula no Rio de Janeiro, mensalmente (interessados em fazer assinaturas queiram dirigir-se ao seguinte endereço: Av. das Américas 2300 bloco A, salas 303/304/305, Barra da Tijuca, CEP 22640, Rio de Janeiro, RJ). Com uma linguagem descontraída, por vezes satírica, é um jornal para o nosso tempo, revelador de uma face bem carioca da cultura brasileira. Boas entrevistas, veiculadas seja na seção padronizada "Destinatário", ou seja estendendo-se em um espaço maior. Bons textos ficcionais ou de prosa teórica ou de crítica. Poesia. Quadrinhos. Concursos. Colunas sobre a produção cultural que está existindo nos diversos setores (Tevê, Música, Livros, Plásticas, Cinema, Teatro etc.). Imagens comunicativas distribuídas através de um excelente padrão gráfico. Tudo isso é VERVE. Que também faz o registro, em cada número, de títulos de livros e jornais que estão no mercado, não esquecendo de mencionar este O GALO. Aberto a colaboradores, VERVE publicou no número de abril o texto "pé na estrada", da nossa editora Marize Castro.

Criado em 1987, VERVE é jovem e versátil, na linguagem e nos temas, deixando o joio pra trás e sendo joinha na qualidade. Procurando recuperar para nós todos o prazer de ler em tempos de vídeo, suas páginas se valorizam por publicação de poemas de Maiakóvski e Drummond, de lindas crônicas de Chacal, de reportagens atualíssimas (V. "Cenas de Censura Implícita", por Marcel Souto Maior no número de nov/88), de ensaios questionadores (como o de Maria Clara Pellegrino, sobre a loucura, no número de abril/89). Como não aplaudir, de resto, o uso de palavras cruzadas (quer dizer, da fórmula de cultura de almanaque, de ludismo popular), redimensionadas culturalmente, alguns números do jornal trazendo as **cruzadas culturais**, onde os conceitos a serem preenchidos nos quadrinhos formam palavras ligadas a clássicos da literatura? Estamos com João Antônio, ao dizer que VERVE é "um caminho alternativo mais do que necessário (...)muito bom neste sentido também para sacudir o marasmo em que o país parece ter se encalacrado — os nanicos, como um dia os chamei, sempre me deram alegria".

*Luciano Zajdsznajder*

## A PÓS-MODERNIDADE EM DEBATE

A Sociedade no Pós-Moderno, este será o tema do curso que o filósofo Luciano Zajdsnajder fará em Natal nos dias 03 e 04 de julho. O curso faz parte de um projeto sobre pós-modernidade promovido pelo jornal O Galo.

Deste projeto participa o artista plástico Eri Furtado que apresentará objetos, esculturas e fotografias, na Galeria da Biblioteca Câmara Cascudo. A abertura da exposição será no dia 02, às 18 horas. Os trabalhos de Eri Furtado permanecerão expostos até o dia 13 de julho.

Luciano Zajdsnajder é formado em Economia e Filosofia, e Professor da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas e Coordenador do Projeto Pós-Moderno na EBAP.

A Idade Moderna e o seu desenlace; As promessas do moderno; A defesa atual da modernidade; As formas da instauração do Pós-Moderno; Delineamento da sensibilidade Pós-Moderna; A visão filosófica; O programa do desconstrutivismo e o fim da filosofia; A derruição das religiões tradicionais e a sua substituição; Religião e Psicoterapia; As propostas artísticas, são os temas que serão debatidos durante o curso.

As inscrições para o curso estão sendo feitas na redação do jornal O Galo, na rua da Conceição, s/nº, centro da Cidade.

**"A Arte possui muitas chaves para a porta da Alma e do espírito"**

*Gumercindo Saraiva (folclorista)**

*Gumercindo Saraiva faleceu em maio de 1988, na noite de lançamento do nº. 3 do jornal O GALO, no pátio da Fundação José Augusto ao tocar o seu fiel violino. Nossa homenagem e nossa saudade. Aqui o vemos ao lado do mestre Luís da Câmara Cascudo.